

O PRODUTO DO CARTEL: *seu escrito.* UM ESTILO

CONVIDADAS:

MARILSA BASSO

EBP/AMP
DIRETORA DE CARTÉIS E INTERCÂMBIO DA EBP

CASSANDRA DIAS

EBP/AMP
DIRETORA GERAL DA SEÇÃO NE

COORDENAÇÃO DA II JORNADA DE CARTÉIS:

LIÈGE UCHÔA

EBP/AMP
DIRETORA DE CARTÉIS E INTERCÂMBIO DA SEÇÃO NE





SUMÁRIO

Argumento	5
<i>Eliane Baptista e Karynna Nóbrega</i>	
 MESA 1 - PSICANÁLISE E AUTISMOS	
A presença do Outro no mundo do autista	8
<i>Jeannine Narciso</i>	
Qual o uso do corpo do analista no manejo da transferência com autistas?	10
<i>Maria Verônica da Silva</i>	
A constituição do falasser autista: um esforço de mostraçã	12
<i>Regina Cheli Prati</i>	
 MESA 2: A INFÂNCIA, O PAI, OS NOVOS SINTOMAS	
Quanto menos tempo o tempo menos tem? Infâncias.	15
<i>José Ronaldo de Paulo</i>	
A Quem serve o pai?	17
<i>Antonio Júlio Garcia Freire</i>	
O gozo e os novos sintomas: o caso clínico de Domitila	19
<i>Raisa Karina Silva Trajano</i>	
 MESA 3: PSICANÁLISE NA INSTITUIÇÃO	
Entre a agulha e a linha a tessitura de um lugar para o <i>falasser</i> na instituição	22
<i>Karynna Nóbrega</i>	
Existe psicanálise em instituição?	24
<i>Samuel Nantes</i>	
Com que escrita se escreve um testemunho?	26
<i>Pauleska Asevedo Nóbrega</i>	
 MESA 4: PSICOSE ORDINÁRIA, ARTE E CLÍNICA NA ATUALIDADE	
O olhar na arte fotográfica	29
<i>Carlange de Castro</i>	
Reflexões sobre a psicose ordinária: da clínica descontinuísta à clínica dos nós	31
<i>Sarah Ruth Ferreira Fernandes</i>	
A Psicose Ordinária: seu estudo em um cartel	33
<i>Liège Uchôa</i>	

MESA 1: PSICANÁLISE, AMOR E DIREÇÃO DO TRATAMENTO

Uma questão para Levi: existe amor em São Paulo? 36
Marina Diniz Luna do Nascimento

O feminino infamiliar e os destinos do amor 38
Socorro Soares

Histeria Masculina? Considerações sobre a direção do tratamento 40
Marina Fragoso

MESA 2: ALIENAÇÃO E SEPARAÇÃO: A TRANSFERÊNCIA

O Significante da Transferência é um ponto de partida
para a construção do sintoma analítico? 43
Deise Mélo

Mais que dois um: Transferência e Interpretação no Banquete 45
Tatianne Torres

Entre o *vel* e o véu da alienação 47
Anicia Ewerton

MESA 3: OS CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA PSICANÁLISE

Os conceitos fundamentais da psicanálise e a formação do analista 50
Rosemarie Mooneyhan

Repetição, angústia e desejo 53
Thailla de Lima Franco

O inconsciente e a repetição à luz de freud e lacan 55
Neide Medeiros Golebiovski

MESA 4: A ESCOLA E A ESCRITA DO REAL

Os jovens e o saber: uma porta 58
Nelson Matheus Silva

Cartel e o real da Escola 60
Cláudia Formiga

Os abonados do inconsciente e seus grampos 62
José Augusto Rocha

PROGRAMA 66

COMISSÕES 69

ARGUMENTO

Eliane Baptista e Karynna Nóbrega
(Coordenação da comissão científica)

O produto do cartel: sua escrita, um estilo – tema da jornada de cartéis da Seção Nordeste – problematiza o efeito de cartel em seus participantes, um a um, provocados pelo trabalho de pesquisa, escrita e tessitura de um estilo.

Órgão de base da escola, o cartel promove a organização e o funcionamento voltados para a transferência de trabalho a partir do desejo de cada um. Tem como princípio o discurso do analista, a dimensão do real e o saber não todo, para que possa precipitar algo novo no entorno das questões. Brown,¹ retomando Lacan e Miller, esclarece que, além da própria análise e supervisão, o cartel tem efeito de formação, e é condição de pertencimento à Escola.

Partindo desses marcadores, o produto do cartel deve ser singular, atrelado que está à forma como cada falasser trata os próprios impasses na experiência analítica e corresponde ao efeito do não-saber naquele que escreve. O saber que se depura de um processo analítico tem como efeito o que Lacan chamou de estilo. O trabalho em torno do objeto faltante, o objeto a.

Lacan abre a coletânea dos seus Escritos com o conhecido enunciado de Buffon: “O estilo é o próprio homem”,² para dele tomar distância ao dizer que, a partir da descoberta do inconsciente, o homem não é mais uma referência segura. À fórmula inicial de Buffon, Lacan acrescenta, para tratar de estilo, a dimensão do endereçamento, incluindo nessa problemática o interlocutor, e o objeto, para sair da dualidade entre o sujeito e o Outro. O objeto é causa e o estilo é seu efeito, ou seja, é a relação de cada um com o objeto o que define um estilo.

Se o estilo é o objeto, ou melhor, a queda desse objeto, “o estilo seria o impronunciável que atravessa o texto, a causa que desliza entre linhas, o indecifrável que corre entre as palavras”.³

Assim, os cartéis seriam a forma privilegiada para fazer a transmissão desse estilo, pois sua estrutura está montada sobre o conceito de falta. Os cartéis podem ser um dispositivo que leva seus participantes a tirar consequências de que eles precisam colocar algo de si no seu produto.

1 BROWN, Noemi. O lugar do cartel na formação do analista. *Correio Express*, Revista online da EBP, n. 5, set. 2018.

2 LACAN, Jacques. Abertura desta coletânea. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1981. p. 9.

3 MILLER, Jacques-Alain; JIMENEZ, Stella. O cartel. In: *O cartel: conceito e funcionamento na Escola de Lacan*. Rio de Janeiro: Campus, 1994. p. 29.

A Jornada de Cartéis aposta na oferta de uma tessitura da escrita, para que cada cartelizante possa dizer sobre o percurso e a experiência singular dos efeitos de cartel: a formação, a escrita e a transmissão de um estilo, um saber sobre a falta. Com isso, abre a possibilidade para que cada um dê o testemunho, enuncie e ensine aquilo que não se ensina- um estilo.⁴

⁴ BRODSKY, G. *Los psicanalistas y el deseo de enseñar* 1ª ed. Olivos: Gama Ediciones, 2024. Libro digital, EPUB. (Tradução nossa).

Mesa 1 - Psicanálise e Autismos

A PRESENÇA DO OUTRO NO MUNDO DO AUTISTA

Jeannine Narciso

jannarciso31@gmail.com

Cartel: Psicanálise, política e clínica do autismo

Mais-Um: Cristina Drummond

No cartel, investigamos as questões trazidas nos casos dos autistas atendidos nos consultórios, nas conversações com as escolas, nos encontros com os pais, na participação em programas de pesquisa, nas políticas públicas brasileiras voltadas para o autismo. O apelo ao trabalho provocado pelo Mais-Um, permitiu encontrar o livro que estimulou nossos diálogos, *La différence autistique* de Jean-Claude Maleval.

Para Maleval, “o enfoque psicanalítico propõe uma compreensão completamente distinta da diferença autista, baseada no funcionamento subjetivo e na maneira de proteger-se do desejo do Outro.”¹ O autismo é uma maneira de ser que impregna cada aspecto da vida. O analista rompe com os discursos normativos que propagandeiam o uso dos protocolos e dos métodos cognitivo-comportamentais para tratar o mal estar dos autistas

A minha produção no cartel visou responder a pergunta: Na direção do tratamento pode-se dizer como os gestos da analista podem operar via tratamento do Outro? Inicialmente, é importante lembrar a contribuição de Robert e Rosine Lefort, ao adiantarem que o analista de uma criança autista está diante de um sujeito. Eles se dedicaram ao tratamento de sujeitos para os quais “não há Outro”. E, sustentaram que o analista não deve “tomar o lugar intrusivo do Outro... Para colocar a transferência a trabalho, é preciso que esteja ali, e que não intervenha com gestos do seu corpo, no real”².

O caso do qual trago fragmentos, suponho que as dificuldades da criança se manifestaram desde o momento em que se inicia a sua relação com o Outro. Ele é o primeiro filho do casal. Nos primeiros meses de vida, tinha cólica, apresentava sono agitado, com episódios de terror noturno, choros e gritos. Aos sete meses, quando a mãe retornou ao trabalho, a criança teve a síndrome da pele escaldada. Rafael, tinha 03 anos, quando os pais me procuram para atendê-lo e havia começado a construir uma relação com a linguagem. Antes, fazia uso de ritmos verbais sem significação e gesticulava de uma maneira própria. Estava aprendendo a controlar os esfínteres. Gostava de brincar sozinho, pintar e escutar música. Ele aceitava o carinho dos pais, mas tinha dificuldade em

1 Maleval, Jean-Claude. *La différence autistique*. Paris: Arguments analytiques, 2021. p.18.

2 Lefort, Rosine. *A distinção do autismo*. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017. p.19.

interagir com outros adultos ou com crianças e com novos ambientes. Na escola, evitava o contato físico e visual com os colegas, chorava na ausência da professora e quando era contrariado.

Hoje, Rafael tem 12 anos, fez notáveis progressos no uso da linguagem, na socialização, na aprendizagem escolar. Ainda recebe colaboração do professor de apoio na sala de aula. Com a fim de um ciclo escolar, mudou de escola. Um dia, chegou na sessão e iniciou o circuito que fazia, pegou a caixa com as peças de Lego, que até aqui serviu de suporte para a montagem de personagens e narração de histórias de batalhas e conquistas. Nesse dia, não abriu a caixa. Eu perguntei: como você está? Ele iniciou um choro angustiado, foi para o divã, deitou de costas para mim. No seu ritmo singular de fala, contou que não queria a nova professora de apoio, que queria o professor que o acompanhava na outra escola. Ele não queria, aquela professora, ela ficava perto dele, não o deixava ir sozinho para o pátio. Ele preferia um personagem, mas “os personagens estão nas histórias”, queria Jesus, mas “Jesus é bíblico”.

O que é insuportável para Rafael são as expectativas que refletem o desejo do Outro. Até uma amizade, quando carrega alguma expectativa pode ser angustiante. Na prática clínica, observamos que é dos signos da presença de um corpo que o autista quer se defender. Segundo Maleval, “é necessário estabelecer uma mediação por uma borda para que a apreensão do desejo do Outro seja menos angustiante.”³

Um avanço no trabalho de análise evidenciou o analista secretário e conector, que possibilitou fazer do interesse específico de Rafael, o universo dos super-heróis e as histórias bíblicas, uma sutil habilidade social. E também, permitiu a ele demandar a construção de uma estratégia para suportar o novo e o outro invasivo. Nas sessões, ele endereça as suas mensagens à analista, um Outro construído sob transferência. Concluindo, “o analista pelo suporte corporal que traz e é”⁴, sem forçamentos, respeitando as soluções e afinidades próprias da criança, a auxilia a encontrar seu “saber fazer”.

3 Maleval, Jean-Claude. *La différence autistique*. Paris: Arguments analytiques, 2021. p.87.

4 Miller, Jacques-Alain. *El últimísimo Lacan*. Buenos Aires: Paidós, 2014. p.245.

QUAL O USO DO CORPO DO ANALISTA NO MANEJO DA TRANSFERÊNCIA COM AUTISTAS?¹

Maria Verônica da Silva

mariaveronica_psi@hotmail.com

Cartel: "A transferência de Freud a Lacan"

Mais-Um: Karynna Nóbrega

O resto é sempre, no destino humano, fecundo.²

O tema da transferência convocou a formação desse cartel. Um percurso foi feito, possibilitando a elaboração de uma questão que surgiu a partir da clínica, na medida em que pacientes autistas chegaram ao consultório. Tais pacientes me provocaram a ingressar no Núcleo de Pesquisa sobre Autismo do IPSIN³ e a participar do PAPI⁴. Essas experiências, me deixaram às voltas com a questão do corpo do analista.

Trago um fragmento clínico de um caso que atendi cujo efeito foi uma mudança de posição quanto ao uso do corpo com pacientes autistas, porque percebi que o corpo do analista entra em jogo na sessão analítica, ainda mais quando se trata de pacientes autistas.

B. 10 anos, chega à sessão com sua mãe que faz contenção de seus movimentos agressivos em direção a ela, bate a cabeça na parede, e tenta bater a cabeça na mãe algumas vezes, ela o deixa no tapete rodeado dos brinquedos e se retira. Ele mexe com alguns brinquedos sem se ligar a nenhum, levanta, senta, ri, repete palavras que a analista falou enquanto organizava os brinquedos, ao final da sessão quando a mãe entra na sala ele dá uma cabeçada na analista.

O corpo discreto, mudo, de poucos movimentos já não servia, toda vez que um autista chega preciso lidar com o não saber. O corpo passou a ser um instrumento de inter-

1 Produção elaborada no cartel "A transferência de Freud a Lacan", composto pelos cartelizantes: Deise da Silva Melo de Brito, Maria Verônica da Silva, Tatianne Bruna Santos, Thiago Silva da Cunha Melo e Karynna Magalhães Barros da Nóbrega (Mais-Um).

2 LACAN, Jacques. Presença do analista. In: Seminário Livro 11. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

3 Instituto de Psicanálise do Nordeste.

4 Projeto de Atendimento Psicanalítico na Instituição, projeto de extensão da UPE- Universidade de Pernambuco junto ao HUOC- Hospital Oswaldo Cruz.

venção, entrego o corpo, retiro do campo de visão, algumas vezes deixo fusionar, outras busco separação. *O cartel, na Escola de Lacan, não é só uma ferramenta de trabalho, ele tem um funcionamento que aloja a questão de cada cartelizante, tendo o Mais Um, que provoca sem mestria.*⁵

Procuro estudar a questão do corpo do analista e sua função no manejo da transferência com autistas. Buscando entender como a psicanálise de orientação lacaniana aborda esse tema e como no manejo do corpo a transferência é estabelecida, possibilitando à diminuição da angústia nos autistas, assim como, a construção de um lugar singular que proporcione aos autistas um tratamento longe de generalizações.

Pesquisa em Lacan e em autores da orientação lacaniana respostas à questão, *o que é que pode ser o saber dos que não falam... o ser é um corpo, se é o suposto saber que motiva a transferência*,⁶ como se constitui a transferência daqueles que não tem relação com o sujeito suposto saber e que se situam *entre Lalíngua e a letra* apresentando um modo singular de habitar a linguagem? *O ser falante autista deve, então, ser pensado como uma modalidade particular de relação com lalíngua que pode ou não chegar a se articular à linguagem.*⁷

Como o analista ser corpo para aqueles que *não investem em seus corpos*⁸ é pela via do duplo? Ao ceder seu corpo o analista permite que o autista consinta uma parceria, um laço que possibilita o tratamento. Ao oferecer seu próprio corpo o que entra em cena?

Se na clínica a transferência é transferência de amor, como ocorre a transferência em sujeitos que não passam pelo Édipo e tem uma *posição subjetiva* diferente com a linguagem?

Como estabelecer a transferência no tratamento de autistas que *se defendem da demanda*? De que transferência se fala no autismo, transferência de duplo?

Entrego este escrito como produto deste cartel, enfrentando a dificuldade de escrever. Catei letras, selecionei palavras, deixei cair restos fecundos do meu percurso angustiante diante do não saber, a clínica chegou convocando à investigação, e o cartel é este lugar que provoca o entusiasmo necessário ao pesquisador. Finalizo aqui com questões e desejo de investigação que não vai cessar ao final deste cartel.

5 FONTE, Rosane. O que enlaça o cartel. [HTTPS://ebp.org.br/o-que-enlaca-o-cartel/](https://ebp.org.br/o-que-enlaca-o-cartel/) acesso em 24/07/24, 19:47

6 LACAN, Jacques. O rato no labirinto. In: Seminário Livro 20. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

7 ÁLVAREZ BAYÓN, Patricio. Tres versiones de La letra y la construcción de um lenguaje. In: El autismo entre lalengua y la letra. 1ª Ed. – Olivos: Grama Ediciones, 2020.198p.

8 MAIA, Ana Martha Wilson. Congelamento e descongelamento do S₁ no sujeito autista. In: Autismo e Psicose infantil: da clínica à política e retorno. Ana Martha Wilson Maia (org). Goiânia: Kelps, 2022. 308p.

A CONSTITUIÇÃO DO FALASSER AUTISTA: UM ESFORÇO DE MOSTRAÇÃO

Regina Cheli Prati

reginacheliprati@gmail.com
Cartel: Teoria e Clínica do Autismo
Mais-Um: Fábio Paes Barreto

Movida pelo tema das II Jornadas de Cartéis da Seção Nordeste, “O produto do Cartel: sua escrita, um estilo”, decidi apresentar o trabalho que produzi em maio de 2023, logo após a constituição do Cartel “Teoria e Clínica do Autismo”, cujo Mais-um é Fábio Paes Barreto.

O objetivo desse trabalho foi representar o que estávamos apreendendo a respeito da constituição do falasser autista em consequência das leituras realizadas. Assim, segue abaixo o roteiro do vídeo “Esforço de Mostração”.

Vídeo:

Quando nasce um bebê, ele ainda não está inserido na linguagem, apesar de ser esperado com um nome e um lugar na família. O simbólico, a linguagem, estão presentes, mas não operam nele como um Outro, não constituem um Outro para ele. Para que ele adentre no mundo da linguagem, é preciso o encontro com a língua. É necessário o encontro com a materialidade do significante, com os S1 que se chocam com o corpo e injetam gozo. Esses Um (S1) não formam cadeia. Eles são pura materialidade sonora, fora do sentido. Juntos, esses Um (S1) formam um enxame, “um excesso de excitação que invade o corpo”¹.

Em algum momento, uma “irrupção de gozo”² força um desses Um (S1) a alçar voo. Isso produz uma localização do gozo e o seu esvaziamento. Esse buraco é a letra de gozo. A letra é essa borda simbólica, essa cicatriz no real do corpo. Ela não produz sentido, é opaca, equívoca, esquecida, apagada. Ela delimita uma borda. Desde o encontro com a língua, com o significante em sua materialidade, não no seu sentido, se produz o gozo. Isso é o inconsciente real. É esse buraco que faz com que o real não seja absoluto.

Nas bordas desse buraco se engancham os significantes que fazem cadeia. Aqui, nesse Um (S1) da letra, se articulam o S2, S3, S4 e os outros significantes que compõem a

¹ Laurent, E. **A batalha do autismo: da clínica à política**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 104.

² Bayón, P. A. **O autismo entre a língua e a letra**. Vitória: Editora Cândida, 2024. p. 111.

linguagem. É a partir daqui que se constitui o sujeito da linguagem. É a partir da cadeia significante que o falasser entra na linguagem; entra no discurso com o seu corpo e com o seu gozo. A linguagem é uma elucubração de saber sobre isso que afeta o corpo, e a letra é o Um equívoco, apagado, que perturba o discurso.

No autismo, o que acontece é a foraclusão do buraco, a foraclusão desse furo. Quer dizer, no momento em que esse buraco tinha de ter se constituído, isso não aconteceu. A principal consequência disso é que os três registros: o real, o simbólico e o imaginário permanecem separados. Assim, entre o simbólico e o real não há a passagem de lalíngua à linguagem, quer dizer, há a detenção da linguagem e, entre o imaginário e o real, não há a constituição do corpo imaginário, a localização do gozo e a composição do circuito pulsional. Em seu lugar, se constitui o corpo carapaça, uma neoborda³, com todos os orifícios fechados, onde o contato com o sujeito não parece possível.

Fim do vídeo.

Algumas das consequências da foraclusão do furo são observadas nos seguintes fenômenos:

1. A detenção da linguagem: por rechaçar a opacidade, o apagamento e a equivocidade da letra, o autista fica impedido de passar de lalíngua à linguagem, permanecendo entre lalíngua e a letra⁴. Dessa forma, mantém as manifestações clínicas de lalíngua como o balbucio, as jaculações, a ecolalia, as onomatopeias, e a repetição de ecos, ruídos, frases ou palavras soltas.

2. A tendência à imutabilidade, ao mesmo: em consequência da foraclusão do buraco, o autista se fixa na invariabilidade do Um. Há uma necessidade imperiosa de que as coisas obedeçam a uma ordem absoluta, imutável e repetitiva.

3. A borda autística: termo que remete ao fato de que o falasser que não tem um envoltório corporal, que não reage à imagem de seu corpo, para quem o espelho não funciona, instala uma neoborda, uma espécie de barreira corporal dentro da qual, ou sob a qual, se encerra. Essa borda autística é constituída pelos objetos autísticos, os duplos e os interesses específicos.

4. A automutilação: em consequência da imersão no real, que é uma dimensão terrível “em que não falta nada, pois nada pode faltar”, o falasser autista é levado a “operar um furo por força, via uma automutilação, para encontrar uma saída para o excesso de gozo que invade seu corpo”⁵.

Foi isso o que produzi até aquela data. Atualmente, a pesquisa avança e um novo trabalho será produzido ao final do período proposto para o Cartel, que será em maio de 2025.

3 Laurent, E. **A batalha do autismo: da clínica à política**. 2014.

4 Bayón, P. A. **O autismo entre alíngua e a letra**. 2024.

5 Laurent, E. **A batalha do autismo: da clínica à política**. 2014. p. 80.

Mesa 2: A infância, o pai, os novos sintomas

QUANTO MENOS TEMPO O TEMPO MENOS TEM? INFÂNCIAS.

José Ronaldo de Paulo

joseronaldopsic@gmail.com

Cartel: Infâncias

Mais-Um: Mônica Hage

O cartel Infâncias, composto pela Mais-Um Mônica Hage (EBP/BA), e participantes Karynna Nóbrega (EBP/NE), José Augusto, José Ronaldo e Maya Rodrigues, foi dissolvido em janeiro de 2024. Trabalhamos com temas relacionados à criança na contemporaneidade e suas modalidades sintomáticas na clínica. Trabalhei o tema sobre os gadgets e outros objetos ofertados para as crianças que muitas vezes se tornam reféns desses objetos e, principalmente, do seu próprio gozo, por vezes, marcadas pelo abandono dos pais.

Como podemos ter no contemporâneo a sustentação de um vazio do tempo para as escolhas? Tempo este marcado pela aliança do capitalismo com o discurso da ciência em prol das demandas neoliberais que apagam o “Um” de cada sujeito. Tempos de menos para lucros demais.

Partindo da pergunta de Miller **“Sobre qual domínio cairá a criança”?**¹, seriam as tentativas simbólicas de nomear a criança não **norm mãe** uma forma segregativa? Advindo disso, podemos fazer referência à experiência analítica quando acontece o acolhimento do singular e íntimo em cada *fallasse*. Porém, sem que haja um rechaço do Outro social, conseguirá o analista ser guardião da singularidade da criança?

O entendimento para se designar a criança na contemporaneidade é impactado pelos tempos que correm. Como diria Lacan, é na certeza antecipada pelo sujeito no **tempo para compreender** onde precipita o **momento de concluir**². Nesse contexto, pode-se perguntar se o tempo hiperativo não é também um tempo fora do tempo, difratado em múltiplos sistemas de gozo que implicam objetos. François Ansermet, nessa circunstância, nos provoca a pensar se o tempo hiperativo não seria ofertado pelos *gadgets* prometedores de um gozo imediato e desmultiplicado, por suceder em um corpo aparelhado sobre sistemas externos, às vezes virtuais, sistemas artificiais a serviço de um gozo que termina por transbordar o sujeito³. Miller faz referência a “autoerótica de

1 Miller, J- A. A Criança e o Saber. In Cien-Digital, n 11, p. 7.

2 Lacan, J. “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 258

3 Ansermet, François- Tudo imediatamente. In: Correio n.70 Revista da Escola Brasileira de Psicanálise Dezembro 2011.

saber”⁴, na qual o conhecimento não passa mais pelo outro. As dúvidas são retraídas, emergindo nos tempos atuais as exclamações de **“eu sei a resposta”** de forma rápida ou a não direção de uma pergunta.

Conforme nos lembra Stiglitz há uma rebelião contra a singularidade, uma pressa em nomear o que não tem nome - dando a isto um nome vazio que, a depender de como será preenchido, determinará a decisão de ser tratado ou não e de qual forma⁵. Quanto à invenção e ao conhecimento, Lacan escreve em 1974: “o saber, ali onde o apreendemos pela primeira vez, assim, manejável, [...] todos sabemos porque inventamos um truque para preencher o furo no real. Aí onde não há relação sexual, isso produz **troumatisme**. Inventa-se. Inventa-se o que se pode”⁶.

Laurent diz que o sobrinho de Freud lança o seu carretel para modelar a angústia de **Acoisa**, à qual só é formulada a partir da ausência da mãe. Porém, o que é contado não é apenas a contraposição fonética o-a, *fort-da*, mas o próprio gesto a ser colocado em evidência⁷. Portanto, não sem o outro, a infância é o tempo da constituição do sujeito. Conforme o exemplo do sobrinho de Freud, houve um Outro no jogo do *fort-da*. O tempo de atravessamentos do sujeito infantil produzirá singularidades, colocando cada um frente a um mal-entendido da língua; não sem efeitos disso. É necessária uma etapa para a criança produzir a sua própria enunciação. Jacques-Alain Miller realça no texto “Em direção à adolescência”⁸ a frase de Lacan “a imiscuição do adulto na criança”, evidenciando um adiantamento da posição do adulto na criança.

4 Miller, J-A. Em direção à adolescência. III Jornada do Instituto da Criança. 2015.

5 STIGLIZ, Gustavo-La clase de los DDA o la rebelión de las singularidades. In: DDA, ADD, ADHD como ustedes quieran. El mal real y La construcción social- Gustavo Stiglitz (compilador). Grama Ediciones, 2006.

6 LACAN, Jacques. O seminário, livro 21: Os não-tolos erram. (1973-1974) Aula do 9 de abril de 1974. (Inédito)

7 LAURENT, É. (2010). “A carta roubada e o vôo sobre a letra”. In: Correio - Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, nº 65. São Paulo: EBP, p. 69.

8 Miller, J-A. Em direção à adolescência. III Jornada do Instituto da Criança. 2015.

A QUEM SERVE O PAI?

Antonio Júlio Garcia Freire

juliogarcia.psi@gmail.com

Cartel: Os corpos aprisionados pelos discursos e seus restos
Mais-Um: Fabíola Ramon

Esse trabalho é fruto de um cartel formado em torno do vigésimo quinto encontro brasileiro do campo freudiano e, além do autor, é composto por Camila Abreu, Carlangue de Castro e José Ronaldo. Nosso cartel tem Fabíola Ramon como Mais-Um e faz coro com o tema do encontro brasileiro desse ano “Os corpos aprisionados pelos discursos...e seus restos”. Esse tema me provocou a pensar sobre nosso horizonte subjetivo, onde a ciência e o capitalismo prometem ao sujeito que sua satisfação plena reside em uma forma particular de gozo, mas, paradoxalmente, o que testemunhamos é a degradação do laço social, eclosão de guerras comerciais e reais, além do retorno de formas violentas de controle. Lacan já profetizava sobre isso quando em uma intervenção pode nomear de “evaporação do pai”¹ as tentativas em seu tempo da homogeneização das relações humanas, a aposta dele residia na multiplicação de barreiras e no reforço da segregação.

Aqui entro propriamente na minha questão: O que queremos dizer com “evaporação do pai”? Superficialmente é possível entender que o pai vai mal nos tempos de hoje, que não funciona, mas o que exatamente isso quer dizer? Devemos abandonar a referência ao pai ou sermos seus credores? São as perguntas que como praticante da psicanálise me coloco e que vejo na minha clínica, tentarei com esse trabalho me dirigir à essas perguntas.

Para começar, dois textos de Freud me parecem preciosos para pensar a questão do pai, não somente como doador do material genético, mas como elemento organizativo do laço social: *Totem e tabu*² e *Psicologia das massas e análise do Eu*³. No primeiro, Freud interpreta o nascimento da moral e da religião como produtos da culpa dos filhos que se uniram para matar e devorar o pai em algum ponto do desenvolvimento da humanidade, enquanto no segundo, retomando o modelo oferecido em *Totem e Tabu*, ele continua sua investigação sobre o laço social, quando ao escrever sobre a eleição de um líder (político, militar, religioso) assinala o seu aspecto ideativo. O líder da massa – que deve possuir algo que os outros não possuem - continua a ser o temido pai primordial.

1 Lacan, J. Note sur le père. In *Lettres de l'École freudienne*, n 7. 1969, p. 84. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-la-cause-du-desir-2015-1-page-8.htm>>.

2 Freud, S. Totem e tabu. In *Obras completas*, volume 11: *Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913).

3 Freud, S. Psicologia das massas e análise do Eu. In *Obras completas*, volume 15: *Psicologia das massas e análise do Eu (1920-1923)*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921).

Lacan inicialmente segue a via freudiana, o pai é formalizado através do conceito “Nome-do-pai” (NP), que agora designa não o pai real ou o pai mítico, mas um significante específico, que organiza a estrutura simbólica de cada sujeito, triangulando a relação entre a criança e o desejo da mãe, é a marca da falta constitutiva que lança o sujeito no seu enigma: o que o outro quer de mim?

Contudo, com o desenvolvimento da segunda clínica, testemunhamos a passagem da singularidade do nome do pai à pluralidade dos nomes dos pais⁴. Essa pulverização se dá pelo advento do discurso capitalista, que pode ser lido como a forclusão do sujeito, pois se tenta recobrir a castração instrumentalizando a falta⁵, produzindo objetos que tentam suturar o que do real do corpo do falasser escapa aos discursos. Agora, a relação do sujeito com a lei não é mais por um imperativo negativo, mas um imperativo positivo de gozo.

Miller nos auxilia a compreender que não se trata de um paradoxo verdadeiro, a promessa de gozo pós Maio de 68 e a degradação do Outro no século XXI são duas faces da mesma moeda: a degradação da *função* paterna. Assim, o retorno feroz do pai que testemunhamos na contemporaneidade não é outra coisa que não o pai evaporado que condessa e retorna no estado sólido⁶. Porque não se trata do pai doador do material genético, mas de um terceiro, que funda um certo ideal para o Eu e que, por isso, impede o fechamento do circuito entre o Eu e esse ideal.

Dessa forma a degradação do Outro é acompanhada por discursos que tentam suplementar esse vazio, de novamente garantir sua eficácia, com o estabelecimento de seus comitês de ética e protocolos. Contudo, perdem justamente aquilo que é mais valioso para a psicanálise: os restos, o sintoma, o ato falho, o sonho, o chiste. O psicanalista ao tratar dos corpos dos falasseres e os discursos que os aprisionam devolve a dimensão de dignidade a esses restos. O psicanalista assim não é nem um descrente no pai, nem seu credor, mas, se trata de poder subvertê-lo. Como coloca Lacan: para prescindir do pai é preciso saber servir-se dele⁷.

4 Solano-Suárez, E. “O objeto causa do desejo e o Pai”. In: *Opção lacaniana online* n.4, 2007.

5 Fajnwaks, F. *O discurso capitalista e o impossível*. Trad. M. Nadier. 2022. Disponível em: <<https://ebp.org.br/nordeste/jornadas/2022/2022/08/16/o-discurso-capitalista-e-o-impossivel/>>.

6 Miller, J-A. “Le père devenu vapeur”. In *Mental*, n.48. 2023.

7 Lacan, J. *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Trad. S. Laia. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2007.

O GOZO E OS NOVOS SINTOMAS: O CASO CLÍNICO DE DOMITILA

Raisa Karina Silva Trajano

raisatrajano01@gmail.com

Cartel: Os paradigmas do gozo na clínica, hoje
Mais-um: Marina Diniz Luna do Nascimento

O desejo de saber sobre o gozo dos novos sintomas e seu manejo na clínica contemporânea mobilizaram-me à entrada e permanência no cartel. A questão que a mim se coloca é: como se apresenta o gozo dos novos sintomas na clínica?

A princípio, no momento da formação do cartel, me deparo com 4 mulheres, que têm seu próprio percurso na psicanálise. Nossos encontros deram-se de maneira quinzenal, em períodos noturnos e mediada por plataforma online.

Abordei um caso clínico para tratar o gozo nos novos sintomas. Domitila¹, uma mulher jovem de 22 anos e estudante de odontologia, chega até a análise após ter recebido inúmeros diagnósticos e fazendo ingestão de antidepressivos, dos quais se “vê dependente”. Destaca que “a análise foi a última tentativa para se manter viva”. Ela se percebe presa à memória infantil de ter sido assediada pelo irmão mais velho quando tinha 5 anos de idade, que, na época, “considerava como seu namorado”.

As tentativas de suicídio vêm desde os 14 anos, marcada pelos significantes ditos por seu pai de que “ela era o sangue do irmão”. Isso gera em Domitila uma identificação ao irmão, considerando o suicídio como uma forma de romper tal identificação, bem como aniquilar a existência dessa figura masculina.

Ademais, consome álcool, cigarro e remédios em excesso, como recursos frente à tentativa de “extravasar a culpa e a raiva que tem de si, por ter deixado que o abuso acontecesse”. Domitila toma para si a responsabilização de sua fantasia infantil e, identificada ao irmão mais velho, ocupa as posições de mestre e algoz de si mesma. Intitula-se como “autodestrutiva”.

A relação com sua mãe também é conturbada, há uma demanda de amor endereçada a essa mãe, que pode ser também convocada pela analisanda por meio de seu estado melancólico, bem como as passagens ao ato, que, se endereçam a ela.

Domitila aponta a existência de uma “relação simbiótica dela [mãe] com meu pai e que eu ou minha irmã poderíamos morrer ou eu me matar, que não faria diferença para ela”.

¹ Nome fictício

Os novos sintomas condensam “novas formas do sintoma para apontar a proliferação dos gozos fora do discurso”². Esses sintomas “expressam um gozo solto, sem sintoma”³. Os novos sintomas “não são estruturados como linguagem, não se dirigem ao um Outro; eles se referem, pelo contrário, a um gozo que se presentifica no corpo de forma surda e repetitiva”⁴. Esse corpo passa a ocupar lugar de objeto.

Para Magalhães, a droga serve ao sujeito do gozo e não ao da palavra. Dessa forma, o toxicômano tende a se nomear pela droga da qual faz uso, apagando-se enquanto sujeito.

Retornando ao caso Domitila, há potencial criativo na analisanda, que também escreve, desenha e substituiu os cortes na pele, por tatuagens com imagens que carregam uma simbologia para ela. À medida que as sessões vão acontecendo, ela vai se permitindo abrir espaço para a palavra e acessar pontos que lhe causam sofrimento. Como efeitos disso, destaca, na quarta sessão, que conseguiu parar de ingerir álcool e fumar, mantendo uso dos antidepressivos para dormir, porém, agora de forma não excessiva.

Cabe ao analista apostar e insistir para que o sujeito fale e que, em meio ao amor transferencial, não ceda ao enamoramento proposto pelo analisando. Lacan, vai dizer que “o amor demanda o amor. Ele não deixa de demandá-lo. Ele o demanda...mais...ainda”⁵. Essa demanda, manejada pelo analista, permite o gozo entrar na dimensão do Outro, tornando-se desejo do Outro. Assim como o aforismo lacaniano, em que “só o amor permite ao gozo condescender ao desejo”⁶.

No caso de Domitila, o manejo transferencial fez com que, mesmo não se sentindo confortável para falar, imersa no “medo por acessar memórias do passado”, ela se colocasse a trabalho. À medida que faz uso da droga, presentifica seu gozo no corpo, extraindo uma carga de satisfação, ao passo que promove danos a ele, estando no limiar entre um sofrimento e uma satisfação, como aponta Lacan.

Imersa em seu gozo, Domitila abstém-se do Outro e da palavra. Logo, ocupando o lugar de objeto, permanece apagada enquanto sujeito, e identificada à droga da qual faz ingestão, a ponto de se nomear como “drogada”, “fumante”. O trabalho de uma análise passa pelo esforço de desenlaçar a parceria que fez com a droga e o ser toxicômana, a fim de encontrar a “Domitila sujeito”, da qual “tanto foge”.

2 Magalhães, Elizabeth Karam, (2005), Dos novos sintomas ao sintoma analítico, p 01.

3 Magalhães, Elizabeth Karam, (2005), Dos novos sintomas ao sintoma analítico, p 02.

4 Magalhães, Elizabeth Karam, (2005), Dos novos sintomas ao sintoma analítico, p 04.

5 Lacan, (1972-73) Seminário mais, ainda, p.12.

6 Lacan, (1962-63) Seminário Angústia.

Mesa 3: Psicanálise na Instituição

ENTRE A AGULHA E A LINHA A TESSITURA DE UM LUGAR PARA O *FALASSER* NA INSTITUIÇÃO

Karynna Nóbrega

karynna.magalhaes@professor.ufcg.edu.br

Cartel: Psicanálise e outros saberes

Mais-Um: Daniela Araújo

O trabalho do cartel produz efeitos e faz parte da formação do analista. Em Ato de Fundação¹, Lacan propõe esse pequeno grupo como forma de trabalho e de produzir pela Escola: o órgão de base.

Em O lugar do cartel na formação do analista², Brown ensina que o trabalho do cartel é um lugar de formação do analista, que opera por meio da transferência de trabalho se voltando para o singular, mas não sem os outros

Atualmente estou participando de três cartéis, a saber: “A transferência de Freud a Lacan”, “As psicoses”, e por último, e não menos importante, “A psicanálise e outros saberes”. Cada experiência de cartel é única e original, assim como a experiência de uma análise: original e tem a dimensão do real presente. Há alguns pontos em comum nessas três experiências, os três acontecem de modo remoto, os cartelizantes são de diferentes geografias e a frequência para a reunião ocorre quinzenalmente. Dentre esses cartéis, nesse trabalho vou me voltar para o cartel: “Psicanálise e outros saberes”, que tem como Mais-Um, Daniela Araújo (EBP/AMP) da Seção Bahia, e os seguintes cartelizantes: Ana Elisa da Rocha, Januário Marques, José Ronaldo de Paulo, Samuel Nantes e eu, Karynna Nóbrega.

Em relação ao funcionamento, a cada encontro um dos cartelizantes se responsabiliza por apresentar e discutir um determinado texto seja de Freud, Lacan, Miller ou de outros psicanalistas da orientação lacaniana, posteriormente a apresentação do trabalho de leitura, a palavra circula entre os participantes, com isso cada um dá algo de si, especificamente de seu saber fazer com e na Instituição, no terceiro tempo o mais um recolhe as questões e os SI apresentados no encontro. Assim, há o compartilhamento dos impasses, desafios, do manejo entre vários e o ato analista na instituição.

Dito isso, o fio condutor desse cartel se volta para a psicanálise aplicada, ou a psicanálise em extensão. Algumas questões são disparadoras de trabalho: o que é uma instituição? Qual a função do analista numa instituição? Qual a diferença entre a psicanálise

1 LACAN, J. O ato de fundação pág. 235- 245 in Outros escritos Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

2 BROWN, N. O lugar do cartel na formação do analista. Correio Express. Revista online da EBP, nº 5, set 2018.

pura e aplicada? É possível orientar o fazer do analista na instituição a partir do último ensino? A instituição é um Outro? A instituição é um sujeito? Qual a função da instituição na época que o Outro não existe? Onde a instituição entra para cada um? E a minha questão: A conversação: um dispositivo possível para a psicanálise em extensão?

Giraldo no artigo “A solidão da diferença”³ ensina que: “O encontro da psicanálise com outros discursos implica em manter aberto o furo de um desencontro que é lógico: a não relação sexual e a inexistência do analista. Isso implica conversar com outros discursos sem renunciar a singularidade do discurso analítico, e ao mesmo tempo, sem pretender lhe ensinar nada”. Por meio dessa passagem a autora nos esclarece que haverá sempre o desencontro entre os falantes, e que o analista na instituição precisa se mostrar dócil aos outros discursos, sem perder de vista a dimensão do gozo e da singularidade.

Sendo assim, o psicanalista é movido pelo amor à singularidade, e à orientação pelo real, fazendo um bom uso da contingência, por meio da experiência e do trabalho de pesquisa penso que o uso da conversação é um dispositivo para se fazer dócil a outros saberes e de destacar a dimensão do real e do furo no saber.

Para ilustrar essa dimensão do vivo do fazer do analista na instituição, resgato uma vinheta apresentada no cartel. A contingência e seu manejo: uma usuária do serviço estava em surto e se dirigiu a praticante demandando uma agulha, a praticante a encaminhou a responsável técnica que realizava as oficinas terapêuticas e com essa manobra ela recebeu a agulha. Desse encontro com a agulha e a linha possibilitou a tessitura de um novo, um novo lugar na instituição, resgatando o lugar de fala da usuária que passou a falar sobre a própria história, revelou que não estava tomando a medicação, e com o seu fazer com a agulha e a linha passou a desmanchar o tecido das próprias roupas e reformá-las, produzir pequenos objetos e costurar as roupas de outros usuários. O que esse fragmento nos ensina sobre o fazer do analista na instituição?

Esse fragmento, me faz retomar a minha questão de outro cartel que participo como Mais-Um intitulado: “A transferência de Freud a Lacan”. E a minha questão de investigação: O que a clínica da psicose ensina sobre o manejo da transferência? Tomando o último ensino como orientação e a vinheta clínica penso que a clínica da psicose nos ensina a tomar como orientação a dimensão do real em jogo e fazer um bom uso da contingência no um a um do caso clínico.

3 Giraldo, M.C. A solidão da diferença in: Lacan XXI Revista FAPOL online O encontro da psicanálise com outros discursos. Como falar com o Outro de boa maneira? Volume nº 13 – maio/2023. p. 25.

EXISTE PSICANÁLISE EM INSTITUIÇÃO?

Samuel Nantes

samuelnantespsi@gmail.com
Cartel: Psicanálise e outros saberes
Mais-um: Daniela Nunes

Atualmente, participo do cartel “Psicanálise e outros saberes”, no qual há diversas trocas sobre o lugar do psicanalista dentro da instituição. A cada encontro ressoa um texto, fragmento, pontuações, enigmas e descobertas. A pergunta na qual me oriento é a seguinte: é possível dialogar, manter uma boa conversa, com outros saberes no espaço institucional? De certo modo, o atravessamento dessa questão me levantou, em um segundo tempo, uma pergunta retroativa a essa mesma questão: o que é uma psicanálise em uma instituição? Os questionamentos são perpassados pela minha experiência na escuta de pessoas em vulnerabilidade social do interior do Estado do Rio Grande do Norte, trabalhando junto ao Sistema Único de Assistência Social, no qual a demanda é atrelada a desigualdade social, preconceito, falta de habitação e dentre outros problemas produzidos pela estrutura social. Dentro desse contexto institucional, no qual as marcas de uma estrutura são evidenciadas, qual o lugar da psicanálise?

Psicanálise Aplicada e psicanálise pura

Eliza Alvarenga¹ ao comentar sobre a ação lacaniana nas instituições comenta que, talvez, a boa pergunta não seja perguntar qual o lugar da psicanálise em uma instituição, mas sim saber quais são os sujeitos que estão nos dispositivos. Não se trata, então, de perguntar o que faz a psicanálise, pois tal questão remete a um saber operativo que tem sob pano de fundo a manutenção de uma preocupação identificatória. Quando tomamos como ponto de partida quem são os sujeitos, e não quem somos, torna-se impraticável uma síntese sobre o fazer diante do real.

Nesse percurso, Maria Cristina Giraldo², caminha sobre a importância de certa inversão da lógica da psicanálise em extensão. Em vez de levar a psicanálise para a instituição, o que confere ao analista o lugar de suposto saber, é preciso alojar a instituição na psicanálise, o que confere ao analista o espaço de sujeito suposto não saber, o que coloca a práxis em instituições como psicanálise aplicada.

¹ Alvarenga, Elisa. A ação lacaniana nas instituições. Instituição de Psicanálise e Saúde MENTAL DE Minas Gerais. V. 5 – Nº 8 – 1º semestre de 2011. Disponível em: <https://institutopsicanalise-mg.com.br/v-5-no-8-1o-semester-de-2011>

² Giraldo, Maria Cristina. A solidão da diferença. Revista Fapol online Lacan XXI, v.1, 2023. Disponível em: <https://www.lacan21.com/sitio/a-solidao-da-diferenca/?lang=pt-br>

Miller³, em seu texto “psicanálise pura, psicanálise aplicada e psicoterapia” comenta a distinção fundamental entre as suas práticas: pura e aplicada. A psicanálise pura concerne ao passe, isto é, a travessia da fantasia. Aqui, diz Miller “o sujeito sai disso, e ele sai aliás - ele tenta - com as honras da Guerra”. Por outro lado, a psicanálise aplicada confere ao sintoma, a psicanálise enquanto aplicada ao sintoma. Nesse ponto, a cisão entre as duas repousaria na diferença entre sintoma e fantasia.

Nesse sentido, a psicanálise pura repousaria no além do sintoma, na noção de que “além do sintoma, há a fantasia”⁴. Caminhando sobre essa distinção, Miller aponta que o sintoma estaria para uma amarração significativa, enquanto a fantasia estaria para o objeto. Por essa perspectiva, a práxis em instituição, enquanto psicanálise aplicada, trata-se de apontar o mais real do sintoma, ou seja, de “privar o sintoma de sentido”. Ou seja, diante de discursos que marcam os corpos de sujeitos através de estigmas conferidos pelo Outro Social, a práxis analítica em instituição confere ao sintoma um outro lugar, lugar na qual o próprio sujeito possa construir um dizer, percebendo a satisfação embutida na repetição do seu sintoma.

Um passo a mais

Um passo a mais. Miller destaca que tal definição de psicanálise pura e aplicada não é a última, pois há também algo do objeto no sintoma. Nesse sentido, há algo do não sentido, de um gozo opaco, que habita o sintoma. Aqui, embaralham-se as cartas. A partir do terceiro ensino de Lacan, o sinthoma passa a ressoar de maneira mais veemente. Nisso resulta a fórmula: sinthoma = sintoma + fantasia. Nesse ponto, coloca Miller, a diferença entre psicanálise pura e aplicada toma outra perspectiva. Sob o ângulo do Sinthoma, “a diferença das duas psicanálise não é essencial.”⁵

Nesse ponto, me pergunto: a psicanálise pura tem uma relação moebiana com a aplicada, são duas faces da mesma banda?

Dito de outra forma, quando apontamos o mais real do sintoma dentro da práxis institucional, conduzimos e escutamos o singular do caso, considerando cada caso como único em sua construção, quando intervimos sob o gozo mortífero do sintoma - que se manifesta nas passagens ao ato e acting out - pontuamos o dano do Outro da burocracia - igualmente mortífero - que não considera o singular de cada um. Quando nos colocamos no lugar de suposto não saber, não estaríamos a praticar, para além da pura e aplicada, a psicanálise?

3 Miller, Jacques Alian. Psicanálise pura, Psicanálise Aplicada e Psicoterapia. Opção Lacaniana online nova série Ano 8 · Número 22 · março 2017 · ISSN 2177-2673. p.27.

4 Ibid.p.27.

5 Ibid.p.29.

COM QUE ESCRITA SE ESCRIVE UM TESTEMUNHO?

Pauleska Asevedo Nóbrega

pauleskanobrega@hotmail.com

Cartel: "Passe"

Mais-Um: Alejandro Reinoso

O cartel "Passe", do qual faço parte no momento, está em pleno andamento. Foi formado no final do ano passado, ainda no contexto político da crise no passe. Eu, Tatiana Vidote, Heloísa Silva, Eliana Figueiredo e o mais-Um Alejandro Reinoso (NEL – Chile. A minha questão de cartelizante tem se situado assim: Seria o testemunho um escrito? Uma vez que o nome de gozo está mais para um produto de uma escolha forçada, o testemunho ao final teria uma autoria? O não pertencimento pode ser uma sensação presente frente ao escrito de um testemunho, mas que ao mesmo tempo não invalidaria uma autoria, no mínimo a ploblematizaria.

Foucault¹, aproxima a noção de autor a uma unidade sólida e fundamental. E, complementa: "Na escrita, não se trata da manifestação ou da exaltação do gesto de escrever; não se trata da amarração de um sujeito em uma linguagem; trata-se da abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não para de desaparecer".

Não seria coerente que em uma experiência de análise as escansões orientem para o que não cessa de não se inscrever? O *falasser* dá conta no discurso do que sempre escapa, mas também de uma fixação do gozo que irrompe na descontinuidade mesma que é a sua encarnação enquanto fundamento da repetição do Um. O encontro com a opacidade do gozo é uma via que retornará para o analisante como um ponto fora da linguagem, incomunicável. Na medida em que o corte introduzido pela interpretação assemântica alcança aquilo que, na estrutura do inconsciente como linguagem não acede ao sentido, a um S2, ele direciona para uma lógica.

Ao romper com a associação livre da fala, a interpretação analítica introduz a modalidade do impossível e do furo do sentido, conduzindo a uma passagem que Laurent² chamará de escrita, conforme Lacan apontou que era nela que a fala se apoiava. Ela põe em jogo o significante e a letra de modo que a enunciação passa a ser questionada enquanto tal. Laurent afirma que Lacan modifica a forma de interpretar ao longo do seu ensino. Inicialmente a atenção estava na história do sujeito, e no último ensino, passará a um "estava escrito", por reenviar homofonicamente, ao equívoco do sentido que com-

1 FOUCAULT, Michel. (2018). O que é um autor? Nova Vega: Lisboa, p. 35.

2 LAURENT, Eric. (2022). A interpretação: da escuta ao escrito. Recuperado em: <https://ebp.org.br/nordeste/jornadas/2022/2022/08/16/a-interpretacao-da-escuta-ao-escrito/>

põe a relação entre fala e escrita na suposição de saber. Um furo na cadeia é o que orientará para o real como efeito de sentido. Assim, a escrita não é linguagem, mas efeito dela.

Me chama atenção que o percurso de uma análise aponte para um tipo de desaparecimento do sujeito que escreve de um modo que lhe foi destinado a fazê-lo, enquanto autor, como sublinhado por Foucault. Esse autor, seria mais bem, um leitor? Ou seja, escrever, a partir de uma experiência analítica, seria na verdade, reescrever aquilo que se leu do que já estava escrito? Um passar a limpo? Se essa reescritura seria da ordem do acontecimento, a sua leitura também? Testemunhar o que “se lê” poderia ser a descrição do que se faz em uma análise, se assim for. E a autoria?

Foucault³, dirá ainda:

“O nome do autor é um nome próprio; apresenta os mesmos problemas que ele. (...) Não é possível fazer do nome próprio, evidentemente, uma referência pura e simples. O nome próprio (e, da mesma forma, o nome do autor) tem outras funções além das indicativas. Ele é mais do que uma indicação, um gesto, um dedo apontado para alguém; em uma certa medida, é o equivalente a uma descrição”.

A meu ver o leitor não mais se apaga, uma vez instituído. Talvez o que se apague sejam as leituras desse leitor, na sua provisoriedade ou convocatórias por releituras. E talvez somente assim, a testemunha de um sujeito se aproxime de um sobrevivente dos malogros da língua, traumatizado pela língua.

Como destaca Leguil⁴, consentir à interpretação supõe uma forma de destituição do sujeito, um desfazimento das amarras que o aprisionam. Ela reflete que ao final, trata-se de testemunhar o mal-entendido herdado pelo sintoma através do que ele pôde cingir. Eis a ética da psicanálise como a responsabilidade de um dizer porvir, dando lugar a outros usos da língua. O significante novo não tem estrutura de significante, não remete a outro significante. É, portanto, sem sujeito. Também não está articulado ao objeto a, isto é, ao fantasma. O estatuto de letra pode ser análogo a um significante que faz semblante de objeto a, a partir de uma causa mais real. É um corpo que está escrevendo a partir dos restos que já existem. O que ali estava desde o início.

3 FOUCAULT, Michel. (2018). O que é um autor? Nova Vegas: Lisboa, p.42.

4 LEGUIL, Clotilde. (2022). Consentir com a interpretação. Recuperado em: <https://encontrobrasileiroebp2022.com.br/wp-content/uploads/2022/11/BOLETIM-PUNCTUM-5-texto-Clotilde.pdf>

Mesa 4: Psicose ordinária, arte e clínica na atualidade

O OLHAR NA ARTE FOTOGRÁFICA

Carlange de Castro

carlangecastro@gmail.com
Cartel: ARTE E PSICANÁLISE
Mais-Um: Ruth Jeunon

A fotografia é uma técnica de reprodução de imagens que usa como base a luminosidade, o que faz de sua definição: “a escrita com a luz”. A ascensão dessa técnica revolucionou a arte, e seguindo a orientação da psicanálise que a arte nos precede e abre caminhos, chegamos à indagação: por que fotografar um instante específico e não outro? Um determinado objeto e não outro? Afinal, o que se captura ao realizar o ato de fotografar?

O material do fotógrafo é o mundo que o cerca, um mosaico de cenas e múltiplas dimensões que tornam o banal em algo revelador. Ao olharmos uma foto, não estamos vendo apenas uma imagem, mas experimentando um deslumbramento ou não, frente ao novo, um encontro que demonstra um vazio, na medida em que revela a busca por traços irrecuperáveis de um instante que aponta para o “isto foi”¹. Esse exercício de procura coloca em movimento a necessidade de fazer algo com o nada e requer ver esse algo que sempre vela a ausência².

Lacan³, retoma a discussão freudiana sobre “Coisa”, aquilo que permanece irrepresentável na experiência de satisfação. Esse elemento é isolado pelo sujeito na origem e se apresenta sempre que seu interesse é despertado. A incidência do significante sobre o corpo é inadequada ao Real, recortando algo da subjetividade que fica fora cada vez que o significante incide, sendo remetido à pura falta, ao vazio. Em outras palavras, há algo que não pode ser simbolizado, mas é por onde passa toda a subjetividade, ou seja, as articulações significantes e a obtenção de satisfação, permitindo a Lacan dizer que: “o homem é artesão de seus suportes”⁴.

Assim, na arte de fotografar cria-se outra luz, outra cena, produzindo uma hiância em relação à realidade. Nessa brecha, naquilo que escapa, localizo o trabalho do fotógrafo esloveno Evgen Bavcar, um nome de destaque na fotografia contemporânea por seu trabalho singular. O artista, que vive e trabalha na França, é cego desde a infância. O que me interessou no seu trabalho foi a maneira pela qual ele decide capturar algumas

1 Barthes, Roland. 2015. A câmara clara: nota sobre fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

2 RECALCATTI, Massimo. Las três estéticas de Lacan: arte y psicoanálisis - 1ª ed. Bueno Aires: Del Cifrado, 2006

3 LACAN, J. O seminário livro 7: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 1997

4 idem, pg 150

imagens. Sua técnica consiste em uma fotografia mediada pelo significante e não pela imagem. Ele pede que sua “assistente” descreva o que vê ou coloca instrumentos sonoros em algum objeto, e a partir do que escuta, o click é iniciado⁵. O ato de ver do outro instaura o olhar, em uma passagem da palavra à imagem.

É da repetição do click que o olhar surge, aquilo que não pode ser visto a não ser ao preço da cegueira, dando forma a um objeto que representa a existência do vazio no centro do real. Esse invisível que precede a visão, impõe o avesso e mostra que a fotografia, mais que representar os objetos do mundo visual, permite capturar o que escapa, sendo o olhar aquilo que funciona como mancha. Desse modo, a arte de Bavcar se caracteriza por um modo de organização em torno do vazio, expondo-o a partir de outro objeto colocado no lugar. Ex nihilo passa a ser uma consequência ética, na qual um objeto tem função de representar a Coisa a partir da sua criação⁶.

Suas fotos em preto e branco tem efeito de distorção, movimento e repetição. A distorção torna a imagem ligeiramente opaca, não plenamente visível, o que ressalta a materialidade da coisa representada, como diz Barthes⁷. Essa lógica, coloca em evidência o Real, aquilo que Lacan nomeia com o impossível de dizer. Um inconsciente que se mostra desconectado de qualquer função interpretativa⁸.

Desse modo, a composição da fotografia ocorre de maneira sugestiva. Aquilo que não se mostra, mas está lá, coloca o objeto de arte não como portador de uma mensagem, mas funcionando como objeto que causa o desejo, pois tem a função de um fazer que Lacan descreve como causa da criação artística. Isso nos demonstra, que a arte é o uma forma de circundar o Real.

Desta maneira, o artista transmuta sua inquietação em causa de satisfação para o mundo, o que nos leva a deduzir que apenas a arte permite uma aproximação do que poderia ser a Coisa, pois ela não só mantém o vazio em seu centro, como faz a partir de um objeto colocado nesse lugar.

Nesse sentido, podemos dizer que a arte consegue, efetivamente, elevar um objeto à dignidade da Coisa.

5 BAVCAR, Evgen. Memórias do Brasil. Org. Elida Tessler e João Bandeira. São Paulo: Cosac&Naif, 2003.

6 LACAN, J. O seminário livro 7. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997

7 Barthes, Roland. 2015. A câmara clara: nota sobre fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira

8 MILLER, J. A. Perspectivas do seminário 23 de Lacan: O Sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 2009

REFLEXÕES SOBRE A PSICOSE ORDINÁRIA: DA CLÍNICA DESCONTINUÍSTA À CLÍNICA DOS NÓS

Sarah Ruth Ferreira Fernandes

sarahruth.psi@gmail.com

Nome do Cartel: A psicose ordinária e seus enlaces

Mais-Um: Liège Uchôa

A pergunta que me orienta a entrar no cartel “Psicose Ordinária”, recentemente declarado à Escola Brasileira de Psicanálise (EBP), tendo como Mais-Um a psicanalista Liège Uchoa, vem de uma inquietação relacionada à difusão de diagnósticos psicopatológicos e à amplitude com que a classificação nosológica psiquiátrica, como descrita no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) se instalou e se espraia na cultura. Ao apresentar o presente escrito, a minha intenção é avançar nos estudos a partir da contribuição dos colegas.

Em dois meses do cartel Psicose Ordinária, iniciamos leituras e conversas sobre o contexto de surgimento do termo e o que ele significa. O que mais me chamou a atenção foi a contribuição das psicoses ordinárias, destacada por Jacques Allain-Miller, como uma modificação epistemológica para orientar a clínica na perspectiva borromeana de Lacan¹.

Nesse sentido, questiono-me: como delimitar a diferença e a contribuição da Psicanálise para o diagnóstico clínico? Como podemos, face à distopia do DSM, contribuir para o tratamento da psicose que aponte para as soluções do sujeito, ao invés de meras e múltiplas classificações? De que forma a psicose ordinária contribui para a compreensão da clínica psicanalítica na atualidade e suas modificações?

Para Saulo Carvalho², a psiquiatria, historicamente, buscou alinhar-se aos preceitos “científicos” positivistas da medicina moderna, os quais se ancoram na ideia de que, frente a uma doença, há um corpus bem delimitado e regular de aspectos anatomofisiológicos e etiológicos que, uma vez descobertos, são associados ao seu tratamento específico. Conforme observa o autor, a própria psiquiatria se vê sempre envolta em “embaraços

1 Tironi, A. C. (2010). A psicose ordinária e os inclassificáveis das categorias lacanianas. Opção Lacaniana Online nova série, 1(1),1-11.

2 Carvalho, S. (2020). O caso paradigmático e a nosologia estrutural, In: A. Teixeira & M. Rosa (Orgs.) Psicopatologia Lacaniana: volume 2 (pp. 45-72). Belo Horizonte: Autêntica.

classificatórios”, pois, no caso das psicopatologias, as particularidades e idiosincrasias dos sujeitos de linguagem, se impõem mais do que os termos universais.

A Psicanálise também não escapou de “embaraços classificatórios”, ainda que nosso posicionamento ético e epistêmico seja distinto de uma psiquiatria acrítica. Em seu texto, Saulo Carvalho aborda uma discussão metodológica sobre a centralidade do caso paradigmático para a produção de conhecimento na Psicanálise, o que não é o que proponho discutir aqui, mas a construção do termo Psicose Ordinária surgiu num momento de “embaraços classificatórios” na Psicanálise.

A construção do termo “Psicose Ordinária” originou-se da convenção de Antibes, ocorrida em 1998, o terceiro momento de três conversações sobre as psicoses, debates articulados por Jacques Allain-Miller. A primeira conversação foi em Anger, em 1996, em que o ponto era a “surpresa” que os casos de psicose traziam; em 1997, a conversação de Arcachon tratou dos casos “raros e inclassificáveis”. Já em Antibes, percebeu-se que o considerado “raro”, era, na verdade, frequente. Isso, portanto, relaciona-se ao contemporâneo, a uma subjetivação baseada na generalização da forclusão do Nome-do-Pai. Portanto, não se trata de uma nova categoria, mas sim de uma modificação epistêmica, um olhar clínico mais além do Nome-do-Pai, ainda que atento a isso.

Segundo Santiago, o debate de Arcachon constatou que a clínica estrutural é substancial, mas é a clínica borromeana que permite nortear a condução do tratamento pelo sintoma, não se limitando apenas à presença do significante Nome-do-Pai, “até que seja possível uma definição diagnóstica”³. Seria, dessa forma, uma articulação entre a clínica descontinuista (psicose OU neurose) e uma clínica do “ponto de capitonê”, ou seja, como, no sujeito, se aparelha a amarração dos três registros (Real, Simbólico e Imaginário).

Portanto, o que são as psicoses ordinárias? Em essência, são psicoses. No entanto, elas apontam para um sujeito que encontrou algumas amarrações ou soluções individuais diante das dificuldades de sua vida, é uma resposta aos limites dos universais das categorias estruturais. Quer dizer, no momento da criação desse termo, foram debatidas as dificuldades de definição diagnóstica, e, ao contrário do que se deu na nosologia psiquiátrica acrítica, que criou mais classificações e indefinições, a Psicanálise Lacaniana subverte mais uma vez, promovendo na clínica a primazia da singularidade. Foram as pesquisas em torno da psicose ordinária que trouxeram esse giro pragmático⁴. Trata-se de uma clínica onde é central a escuta do detalhe, dos sinais discretos, dos acontecimentos de corpo do sujeito. Como o analista, em sua prática, pode construir uma escuta que aponte mais para essa abertura?

3 Santiago, A. L. (1999). Os casos raros, inclassificáveis da clínica psicanalítica. in: *Correio*: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, n.23/24, p. 119.

4 Laurent, E. A psicose ordinária. [Entrevista concedida a] Jacques Munier. *Lacan XXI Revista FAPOL On-line*, vol. 2, outubro, 2017.

A PSICOSE ORDINÁRIA: SEU ESTUDO EM UM CARTEL

Liège Uchôa

liegeuchoa@gmail.com
Cartel: A psicose ordinária e seus enlaces
Mais-Um: Liège Uchôa

A trajetória de uma escrita, produto de um cartel, nos provoca a cernir um estilo - marca singular de um gozo que, continuamente, contornamos na travessia do real. É aí que se articulam estilo e transmissão. Transmitimos ao Outro o nosso saber fazer com esse real, impossível de dizer, que exige dar de si, colocar algo de seu.

A participação como “Mais-Um” de um cartel que investiga sobre a psicose ordinária tem trazido efeitos de formação, me permitindo pensar que esse dispositivo, na Escola de Lacan, de fato, nos leva a lidar, permanentemente, com a dimensão do real. O cartel é um dispositivo que lança os envolvidos no âmbito do desconhecido: entre as parcerias de trabalho; diante da condição de Mais-Um; na confrontação com um não-saber; na oscilação entre o uno e o múltiplo. Andamos na corda bamba. No fundo, é isso: todo trabalho em cartel nos conduz por caminhos incertos, para uma dimensão não-toda, à qual precisamos consentir. O cartel que participo, que está só começando, coloca em jogo esse movimento, esse lance de dardos, sem alvos seguros.

A própria investigação sobre a psicose ordinária também tem esse efeito desnortador, pois ela representa algo novo no campo das psicoses, onde os sinais da estrutura clínica não estão tão evidentes. Esse lugar sem referentes seguros, próprio ao campo das psicoses ordinárias, é o que me impulsiona a seguir seu estudo, naquilo que ela ensina sobre a clínica no contemporâneo.

A partir da constatação de que a psicose ordinária se caracteriza por uma sintomatologia discreta, sem desencadeamento clássico, como na psicose extraordinária, tento investigar neste trabalho de cartel sobre a direção do tratamento, uma vez que aqui já não se trata de apostar na metáfora delirante, nem secretariar o alienado. Falamos de amarrações, enlaces e desenlaces. Nesta investigação me faço as seguintes questões: o que faz o analista para permitir saídas singulares ao *falasser* face ao real impossível de dizer? Em tempos de laços sociais horizontalizados, da inexistência do Outro, como situar o lugar do analista na transferência, quando ele não mais opera a partir do lugar de suposto saber? A partir da constatação de que todos os discursos são defesas contra o real, e todas as construções da realidade são delirantes, o que resta ao analista?

Miller nos lembra que a psicose ordinária, embora não seja uma categoria de Lacan, é uma categoria clínica lacaniana, extraída do seu “último ensino”. Nos seus ensinamentos ele destaca que não se trata de sobrepor as novidades do último ensino de Lacan aos elementos clássicos, mas entender que o último ensino traz novos recursos para novos problemas. O sentido da clínica psicanalítica é utilizar o caso para escutar aquilo que ele traz de novidade para fazer avançar a teoria¹. Se os sujeitos hipermodernos se apresentam na clínica um tanto refratários às intervenções tradicionais, podemos aprender com a psicose ordinária sobre um saber fazer na clínica contemporânea.

Os estudos neste cartel, têm nos ensinado que, a partir da pluralização do Nome-do-Pai, dos conceitos de *lalíngua* e *falasser*, da valorização do gozo na clínica *borromeana*, o operador em questão pode ser substituído por significantes-mestres que fazem as vezes de Nome-do-Pai. Os sujeitos encontram outras maneiras de se estabilizarem e de fazerem laço social para além do Nome-do-Pai. Não será mais a presença ou a ausência do Nome-do-Pai o que definirá o *falasser* mas, sim, sua posição de gozo no mundo.

A amarração dos registros real, simbólico e imaginário será fruto de uma invenção particular para lidar com esse gozo, e os analistas precisam saber ler essa escrita. A psicanálise não é apenas questão de escuta, ela é também questão de leitura². É o que Miller propõe: que se leia o sintoma privando-o de sentido, deslocando a interpretação do enquadre edipiano para o enquadre *borromeano*, ou seja, da escuta do sentido à leitura do fora de sentido. Assim, o sintoma se reduz à sua fórmula inicial - o encontro material de um significante com o corpo – e se desprende das miragens da verdade que o deciframento lhes traz, visando a opacidade do real. Esse é o fio que pretendemos tecer neste trabalho de cartel sobre a clínica da atualidade.

O dispositivo do cartel, na Escola, nos permite caminhar nessas veredas de incerteza, construindo um saber sempre inacabado. Assim como na análise, inventamos um modo de saber-fazer com o real, de onde se depreende um estilo. Como nos lembra Sérgio de Mattos³, só a construção de um estilo pode permitir sustentar o discurso analítico, sem as garantias de um saber estabelecido.

1 SOUTO, Simone. Uma leitura lacaniana do caso do “Homem dos Lobos”. In: FIGUEIRÓ, Ana Maria; LAIA, Sérgio (Orgs.). **O Homem dos Lobos...com Lacan**. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2011. p.141.

2 MILLER, J.-A. Ler um sintoma. In: Opção Lacaniana n.70. São Paulo: Eolia, 2015. p.14

3 MATTOS, Sérgio de. Estilo ao pé da letra: intersections. In: BESSA, G. (Org.). **O analista e o estilo: conversação das Bibliotecas da EBP**. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2022. p.27.

Mesa 1: Psicanálise, amor e direção do tratamento

UMA QUESTÃO PARA LEVI: EXISTE AMOR EM SÃO PAULO?

Marina Diniz Luna do Nascimento

marina.luna@outlook.com.br

Cartel: Os paradigmas do gozo na clínica, hoje

Mais-um: Marina Diniz Luna do Nascimento

Uma imagem se anuncia: encontro-me virtualmente entre quatro mulheres, jovens, praticantes da psicanálise, que apresentam um desejo de saber mais sobre a clínica na atualidade e seus impasses: as formas como chegam os sintomas, as parcerias, as relações com o diagnóstico. O convite para ser Mais-Um(a) entre elas me leva a resgatar um ponto de questão em torno da prática clínica com sujeitos na atualidade: qual o lugar dos sujeitos, hoje? E, mais-ainda, há um lugar possível entre gozo e o desejo? já que, imersos nos imperativos que a época anuncia através do discurso capitalista, há pouco espaço para os impasses próprios da linguagem que poderiam vir a localizar a relação do sujeito com a falta.

Na medida que essas questões se formulam nas discussões do cartel, surge um ponto de embaraço que reverberou na escuta clínica, trata-se do caso Levi, jovem que reside em São Paulo, e atualiza no contexto cultural desta cidade um ponto de dificuldade em se relacionar - seja na esfera profissional, familiar ou amorosa - e fazendo uma série de términos e rompimentos a cada novo encontro com o outro.

Preso às imagens dos contextos que está inserido, ele constrói queixas de que estas imagens soam como padrões imperativos que ressoam tanto na inviabilidade de relações amorosas como na dificuldade atuações profissionais. Na família, as distâncias são marca de sua história, e ele se mantém distante dela, se aprisionando a uma fantasia de estar sozinho e não ser acolhido pelo Outro. Além disto, faz um sintoma corporal que dificulta o encontro com o outro e se apresenta em crises de repetição, apesar das inúmeras mudanças de medicação e tratamento. Deste modo, ele engancha-se ainda mais neste lugar solitário, fixado na sua própria imagem e se agrava em recusas de proximidade ao menor sinal de falta do outro, mas não sem vivenciar episódios de angústia.

Os impasses de uma época aparecem nos discursos dos sujeitos. A presença maciça de imagens, a dificuldade nas relações e até desencontros frequentes com o outro, o excesso de objetos e relações compulsivas com estes, as nomeações via diagnósticos, a tentativa de fazer a relação sexual existir nas relações amorosas, o excesso de atos, dentre outros elementos parecem marcar uma especificidade da clínica, hoje. Padilha¹, ao

¹ Padilha, M. (2009). Comer me dói muito. In: Real gozo: textos psicanalíticos.

falar sobre o sofrimento psíquico, explicita que não há como distanciá-lo dos ideais socioculturais que se dão em uma determinada época. Esse ideal, imposto pelo social, dita expectativas, oferece objetos de satisfação para o desejo e produz insatisfações quando o ideal prescrito não é atingido. Na atualidade a demanda compulsiva por objetos, que distancia uma relação com o vazio, a falta e consequentemente com o desejo, são marcas presentes e que tem efeitos diretos nos modos de sofrimento. Nesse contexto, o Outro é apagado e a ênfase se volta a si mesmo, revelando-se um gozo autista, que se fixa no corpo e se caracteriza como sendo o que a autora aponta como ‘patologias do narcisismo e do ato’ que se proliferam na atualidade.

Falasseres, imersos em relações consigo mesmos, marcados excessivamente pelo imaginário, com uma fragilidade evidente nas relações simbólicas e dificuldade no encontro com o Outro sexo, acabam por furtar-se do encontro com o Outro que exigiria o se haver com a alteridade. É neste contexto da modernidade e pós-modernidade que Miller² localiza o gozo em seu lugar de imaginarização, onde acontecem rupturas na cadeia simbólica e aparecem um certo número de emergências na experiência analítica. Assim, é notório no contexto cultural atual haver uma enxurrada de objetos pequenos a - produtos da indústria e da cultura -, que se apresentam em uma diversidade de modos de gozo. Na relação com esses objetos o interesse pelo Outro cai e as soluções compulsivas ganham vez, triunfando um individualismo no laço social.

O gozo passa, na perspectiva lacaniana a ser visto, fundamentalmente como uno, quer dizer, que ele se abstém do Outro. “O lugar do gozo é sempre o mesmo, o corpo. O corpo não está ligado ao Outro”, mas ele é também idiota e solitário, aponta Miller. Assim, cabe a questão se não seria função do analista, tornar o Outro interessante, a fim de encontrar lugares menos mortíferos para estes corpos.

No caso Levi se faz notório que a imagem e o corpo ganham destaque, onde ele se faz cada vez mais sozinho e preso a suas próprias imagens. Criolo³, anuncia em uma música que não existe amor em São Paulo, a partir desse enunciado, me pergunto se não cabe a formulação de uma questão a Levi: não existe amor em São Paulo?

2 Miller, J-A. (2012). Os seis paradigmas do gozo

3 <https://www.lettras.mus.br/criolo/1857556/>

O FEMININO INFAMILIAR E OS DESTINOS DO AMOR

Socorro Soares

socorro.soares.c@gmail.com

Cartel: O feminino

Mais-Um: Rogério Barros

“Não amo o outro porque me falta; me falta porque o(a) amo”.¹

Construí tema em torno do feminino infamiliar, no qual o amor se põe em destinos ao estranho do feminino. Amor e circuitos do desejo em veredas. Para Miller, o amor tem duas caras: a cara do Outro que tem e a cara do Outro que não tem, este é o Outro do amor entre desejo e gozo. E, por onde envereda a pulsão? Reportar-me-ei a recorte clínico que alude à frigidez em torno do se fazer desejar e do se assegurar do desejo do outro.

Do formigueiro ao riso

J. queixa-se de “frigidez” desde a chegada do primeiro filho: *“Fiquei muito dedicada ao meu filho; era apenas mãe, motivo para meu marido justificar traição”*; sobre segundo filho: *“Sexo só pra procriar”*. Pianista desde criança: *“Para satisfazer minha mãe”*. Em análise volta a cantar e tocar piano, *“Invento interpretações musicais”*, mais intimista junto ao marido e filhos: *“Todos têm veia musical”*. Em sessão diz que urologista do marido o orientou fazer sexo para não ficar impotente, *“Ele também sem libido, dois idosos! [...] pelo menos estou me dedicando à música, depois da análise toco por vontade própria, se não tocar, enferruja! [...] se parar, perco o prazer de tocar”*. Analista: *O que enferruja?* Analisante ri: *“Sexo”*. Corte de sessão. Em sessão seguinte relata sonho: *“Sonhei num hotel com meu marido e na hora de dormir tinha um formigueiro na cama, que agonia! Acordei com o corpo formigando, vontade de transar, não resisti, transamos; só rindo, resta saber se o sexo vai se repetir”*. Atualmente diz brincarem com palavras, gestos e toques *“libidinosos”*.

Passagem ao desejo pelos destinos do amor

Os objetos olhar e voz a permitem, por um lado, largar-se da palavra imperativa da mãe à infância passando agora a dar-se voz à musicalidade e deixar-se ser vista e ouvida em eco permitindo que o discurso se torne audível; por outro, o não suportar ser tomada por objeto passa a se por como objeto à relação sexual, contingencialmente, até às *«brincadeiras libidinosas»*, modo contornado pelo amor e tropeços do desejo à não relação sexual.

¹ Ebtinger, Pierre. El amor posible. In: El amor en las psicosis. Buenos Aires: Paidós, 2011, p.55.

A direção do tratamento permite o feminino infamiliar dar passagem ao desejo nos destinos do amor, o *“real estranho dando corpo ao que parece inapreensível para o sujeito”*², e este abre portas à pulsão e ao gozo em direção ao real pela via do semblante possibilitando *“um destino cultural ao gozo, ao real do sexo”*.³ Na cena de amor, o real do sexo revela-se fora da cena, risos e brincadeiras surgem, algo da comédia dos sexos escamoteando a crueza da pulsão. Daí, efeitos de circuito em torno do objeto *a*, *“isca para o gozo que anima o corpo”*⁴, gozo atalhado por essa comédia, não sem impasses do desejo. Um amor cômico abordando o real ao suportável da castração.

Sexo e parceria amorosa

Munido de gozo, o sexo perturba, causa um desacordo com a relação amorosa a mobilizando ou a impedindo, cito Pierre Ebtinger: *“A satisfação sexual supõe instante de desapego, separação, a exemplo de que todos aí fecham os olhos”*.⁵ O despertar de J. à satisfação sexual traz à fala a antecipação: *“resta saber se o sexo vai se repetir”* e o efeito do brincar libidinalmente. Quanto ao objeto sexual, parece protegido sem satisfação sexual e, ao mesmo tempo, como objeto precioso. Lacan trata como Outro gozo o fazer-se amar e desejar os homens: *“É pelo que ela não é que pretende ser desejada ao mesmo tempo que amada”*.⁶ Seria a satisfação postergada sobre a qual Lacan articula ao gozo como uma pretensa frigidez? A mulher converge o pênis e o amor, o objeto e a falta no mesmo objeto em duas faces, a do desejo em direção ao pênis do parceiro e a da demanda de amor em direção à falta do Outro. Miller sobre o *Outro do amor*, o trata como duas caras, a do *Outro que tem* e a do *Outro que não tem*, o *A*, *“propriamente o amor”*.⁷

Amor e desejo, mostram as suas caras

Recorte clínico que permite abordar o destino cultural do gozo, cantar e tocar piano, abordar o deslizamento do significante *“enferruja”* sob ressonância pelo ato do corte descondensando e desordenando a fixidez do significante frigidez. Abre passagem à singularidade do gozo pulsional, enlace com o indizível na formação do sonho sob efeitos do relato que no circuito do discurso produz amor e agalmatiza o objeto de gozo, e este pode se apresentar como desejo.

2 Fuentes, Maria Josefina. O feminino e o infamiliar: <https://www.encontrobrasileiro2020.com.br/o-feminino-e-o-infamiliar/>

3 Caldas, Heloisa. O amor nosso de cada dia, 2008. In: Opção Lacaniana online, p.12.

4 Ebtinger, Pierre. El amor posible. In: El amor en las psicosis. Buenos Aires: Paidós, 2011, p.56.

5 Ibid, p.58.

6 Tendlarz, Silvia Elena. El inconsciente enamorado. Buenos Aires: Grama, 2022, p.31.

7 Miller, Jacques-Allain. O amor entre repetição e invenção. In: Opção lacaniana, nº 02.

HISTERIA MASCULINA? CONSIDERAÇÕES SOBRE A DIREÇÃO DO TRATAMENTO

Marina Fragoso

marinafrancoe@hotmail.com
Cartel: Histeria Masculina
Mais-Um: Jorge Assef

Adicionar a terminalidade masculina para pensar a histeria seria redundante quando vamos mais além do Édipo em direção a sexualização? É a partir dos adereços da feminilidade que a histeria se defende do feminino através do seu padecimento à flor da pele que tenta dar consistência a um corpo. A respeito disso, Recalde pontua: “O sujeito histérico faz um uso peculiar, por exemplo, da estruturação de um corpo que se sustenta no pai como defesa ao real do feminino”¹, de maneira que a posição histórica reivindica uma consistência referida ao falo na tentativa da constituição de um significante localizado no corpo do Outro.

Podemos pensar o lugar da identificação viril a partir de Moraga, a qual a relaciona com: “um traço do outro na formação do eu. Este se monta a partir de um sl, um significante que está em outro corpo”². Lacan discorre que a questão que constitui o sintoma histérico, tanto em homens quanto em mulheres, é a mesma: “a mulher se interroga sobre o que é ser uma mulher, do mesmo modo que um sujeito macho se interroga sobre o que é ser uma mulher”³.

Para não interrogar-se sobre o feminino, uma das consequências do sintoma histérico pode ser a identificação a um traço viril. Sobre isso, propõe Leguil: “É para não nos interrogarmos sobre o que é uma mulher que nos remetemos aos estereótipos, os quais apresentam um saber dogmático sobre o seu ser”⁴. Na histeria masculina não seria diferente: o sujeito histérico faz uso dos adereços de virilidade para dar conta da sua dissimetria, da sua relação com a falta. Ainda nesse sentido, Lacan afirma em seu seminário 3, ao comentar um caso, que no que se refere a histeria em homens, a consequência anatômica histórica vai para além da biologia, desta feita, “Nada na anatomia nervosa recobre, seja o que for, do que é produzido nos sintomas histéricos. É sempre de uma

1 RECALDE, M. *La histeria, hoy*. In: VIGANÓ, A. et. al. *(H)ETÉREAS: las mujeres, lo femenino y su indecible*. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2014. p. 116

2 MORAGA, P. *Cuerpos atrapados*. La Ciudad Analítica. Buenos Aires, v. 5, n. 5, p. 32-35, jun. 2023. p. 35

3 LACAN, J. *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. p. 208

4 LEGUIL, C. *O ser e o gênero: homem/mulher depois de Lacan*. Belo Horizonte: EBP Editora, 2016. p. 125

anatomia imaginária que se trata”⁵, uma vez que é, também, pela via imaginária que o sintoma histérico se estabelece.

O sintoma histérico que se constitui em uma combinação entre verdade e falsidade faz uso da matriz imaginária para construir um sintoma, que – enquanto defesa a um real –, busca consistência no Outro para dar contorno ao campo pulsional. Quando esse sistema falha, a histeria produz o sintoma conversivo como resposta. Dessa forma, “Para ter reconhecimento da sua feminilidade, ser-lhe-ia preciso realizar a assunção de seu próprio corpo, sem que ela continue exposta ao despedaçamento funcional (para nos referirmos a contribuição teórica do estádio de espelho), que constitui os sintomas de conversão”⁶.

O ponto que norteia uma neurose vai em direção a uma questão. No caso da histeria, uma pergunta que se endereça a um mestre como agente de saber sobre uma verdade: “O que é uma mulher?” Ao pensar a direção do tratamento na histeria em homens ou mulheres é preciso que o discurso analítico se instaure despregando a consistência desse Outro enigmático que a histeria supõe saber sobre seu próprio eu. Nessa direção, partindo de uma desidentificação a esse Outro absoluto, a inserção da inversão dialética na relação transferencial tem como desdobramento permitir que a estrutura histérica possa constituir um desejo de saber sobre o Um, desarticulado a uma pergunta universal, aproximando-se de uma posição mais feminina e situando-a no mais além da identificação viril.

Quando Lacan localiza, no seminário 20, a postulação de que A mulher não existe se não barrando-se o A que a universaliza, localiza o feminino como um gozo não-todo referenciado ao falo, marcado pela indeterminação. Tendo como norte essa indeterminação que funda a *ex-sistência*, pensar a direção do tratamento na histeria é ir na contramão da mascarada histérica que tenta fazer existir a complementariedade da relação sexual, sem se antecipar nas tentações interpretativas, mas oferecendo um caminho para que as retificações subjetivas sobre a existência da Outra mulher possam se dissipar em uma outra relação com o feminino, como pontua Laión⁷: “Uma análise pode permitir a um ser falante tratar o seu rechaço ao feminino e possibilitar que haja uma virilidade orientada pelo *sinthome*, uma invenção frente ao feminino”.

Orientar uma análise nessa direção é dar um tratamento ao sintoma histérico na direção de reformular, no um a um da sua singularidade, o que cada histérico poderá inventar da sua *ex-sistência*, tomando como norte que: se na histeria o que está em questão é o que é uma mulher, no feminino nos deparamos com o impossível de se escrever essa pergunta.

5 LACAN, J. *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. p. 209

6 LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 221

7 LAIÓN, A. *El estrago materno em el hijo: lo indecible*. Mediodicho. N. 43, p. 87-90, out. 2017. p. 90

Mesa 2: Alienação e separação: A transferência

O SIGNIFICANTE DA TRANSFERÊNCIA É UM PONTO DE PARTIDA PARA A CONSTRUÇÃO DO SINTOMA ANALÍTICO?

Deise Mélo

psideisemelo@gmail.com
Cartel: A transferência de Freud a Lacan
Mais-Um: Karynna Nóbrega

Tenho uma experiência um tanto quanto traumática com a questão da escrita/produção. Tal questão se deu na produção do meu TCC no último ano da minha graduação, período em que ganhei uma trava para escrever pela fantasia da cobrança por uma excelência que me acompanha até os dias atuais.

Quando conheci a EBP, encantei-me com os estudos e leituras, porém me deparei com a realidade da produção e da transmissão do ensino e me assustei. Segui travada. Conheci então o movimento dos Cartéis e me desafiei a participar, uma vez que o funcionamento da escrita/produção é totalmente diferente da escrita/produção acadêmica (dentro do modelo que experienciei). O tema da transferência me chamou atenção exatamente pelo fato de ter sido isso que faltou para mim naquele momento. Não houve transferência com a dupla, com o tema, com a orientadora e nem com a abordagem. Se não houve nenhum significante de transferência, como iria ocorrer a construção de uma produção tranquila e seus efeitos? Faltou amor naquele momento, faltou o amor de transferência. Freud¹ diz que a transferência é um dos nomes do amor.

Desejando além da minha questão de pesquisa, também uma mudança de posição subjetiva diante da escrita/produção no meu percurso, cito Lacan no Seminário livro 8, “A Transferência”, que vai dizer que: “O Outro é necessário como lugar, mas ao mesmo tempo evanescente, e por isso mesmo nos coloca numa posição perpetuamente evanescente. (...) Ora, é a questão formulada ao Outro, quanto ao que ele pode nos dar e ao que tem para nos responder, que se liga ao amor como tal.”²

Como se constrói uma questão analítica? Qual o ponto de partida? O que o amor transferencial tem a ver com isso?

1 Freud, Sigmund, 1856 – 1939 – obras psicológicas completas: edição standard brasileira – Rio de Janeiro: Imago, 1996.

2 Lacan Jacques, 1901 – 1981 O Seminário Livro 8: A Transferência, 1960 – 1961. Texto estabelecido por Jacques Alain Miller. 2 edição – Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 215.

No livro: Um ponto de Partida... A interpretação analítica, as autoras vão nos dizer que: “O sintoma analítico faz parte da construção da análise a partir da escuta analítica. O analista isola os significantes que determinam a relação do sujeito com o gozo, revelador de sua posição subjetiva, induzindo a formular sua questão analítica, mediante a implicação com o inconsciente.”³

Como sujeito evanescente encontro-me hoje em outro lugar, participante de um cartel formulando a seguinte questão: O Significante da Transferência é um ponto de partida para a construção do sintoma analítico? Sigo destravando.

3 Baptista, Maria; Fonte, Rosane. Um Ponto de Partida... A interpretação analítica – 2014, 1 edição – editora: da-dpa – Recife, 2014. p.38

MAIS QUE DOIS UM: TRANSFERÊNCIA E INTERPRETAÇÃO NO BANQUETE

Tatianne Torres

Tatianne21torres@gmail.com
Cartel: A transferência de Freud a Lacan
Mais-Um: Karynna Nóbrega.

O amor está na ordem do dia em psicanálise. É o que escuto com frequência desde o início do meu contato com as leituras, com as discussões de trabalhos dos colegas do campo analítico e inevitavelmente com a prática clínica. Vez por outra surgem máximas freudianas compondo essa compreensão, como por exemplo: “a psicanálise é em essência a cura pelo amor”, ou “é preciso amar para não adoecer”¹, mas de que amor é esse que tanto se fala em psicanálise? Suponho que aqui nasce a minha questão e por ela vou seguindo a recomendação do mestre de Viena diante do “não saber” quando não soube mais sobre a mulher, nos disse: “perguntem aos poetas”, ando então dialogando para alcançar a minha questão com os filósofos, poetas e com meus colegas deste Cartel nomeado por *A transferência de Freud a Lacan*² (o primeiro que participo e escrevo).

Um dos mais conhecidos casos escritos e estudados por Freud traz uma pista daquilo a que me proponho, trata-se do caso da histérica Anna O. pseudônimo de Bertha Pappenheim³, paciente que se enamora de Josef Breuer, médico/analista, amigo e discípulo de Freud que não soube o que fazer com essa demanda de amor direcionada a ele – foi o Dr. Freud quem transformou essa demanda em material clínico e, portanto, de estudo. Freud, percebe que as idiossincrasias e associações dos pacientes além de conter as narrativas de suas biografias também tinham relação com a figura do médico/analista ele entrava nelas, era colocado nessa série de associações, foi por estas observações chegando ao conceito de *Transferência*, essa força motriz no tratamento.

1 FREUD, Sigmund, 1856-1939. Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916) / Sigmund Freud; tradução e notas Paulo César de Souza — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

2 Cartel: “A transferência de Freud a Lacan”. *Cartelizantes*: Deise da Silva Melo de Brito, Maria Verônica da Silva, Thiago Silva da Cunha Melo e Tatianne Bruna Santos Torres e pela *Mais-Um*: Karynna Magalhães Barros da Nóbrega.

3 FREUD, Sigmund, 1856-1939. Obras completas, volume 2: estudos sobre a histeria (1893-1895) em coautoria com Josef Breuer / Sigmund Freud; tradução Laura Barreto; revisão da tradução Paulo César de Souza — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Lacan, por sua vez, oferece um seminário inteiro a este conceito, o Seminário livro 8: A Transferência”⁴, se debruçando sobre o Banquete de Platão para elaborar/avançar essa descoberta de Freud. Para Lacan, a Transferência coloca em ato o inconsciente, o paciente supõe um saber na figura do analista e o analista deste *lugar suposto*, poderá, ao não responder a demanda do paciente possibilitar que este elabore *um saber sobre si* e o próprio inconsciente, um amor ao saber.

Enquanto escrevia estas últimas linhas de compreensões colhidas até aqui me ocorreu a lembrança de um texto datado em 1896 intitulado com o nome de *O ator* onde o Plínio Marcos revela: “Por mais que as cruentas e inglórias batalhas do cotidiano tornem um homem duro ou cínico o bastante para fazê-lo indiferente às desgraças e alegrias coletivas, sempre haverá no seu coração, por minúsculo que seja, um recanto suave no qual ele guarda ecos dos sons de algum momento de amor que viveu em sua vida. Bendito seja quem souber dirigir-se a esse homem que se deixou endurecer, de forma a atingi-lo no pequeno núcleo macio de sua sensibilidade, e por aí despertá-lo, tirá-lo da apatia, essa grotesca forma de autodestruição a que, por desencanto ou medo, se sujeita, e por aí inquietá-lo e comovê-lo para as lutas comuns da libertação.”⁵

O analista em seu ofício trabalha com a transferência e com os atos das cenas do inconsciente...

Por isto não sei se vou manter o nome que escolhi para a minha pesquisa, mas por hora a sustento assim: Mais que dois um: Transferência e Interpretação no Banquete. Deste título quero me servir para nutrir a busca na direção da resposta ao tipo de amor do qual se trabalha em psicanálise.

⁴ Lacan, Jacques, 1901-1981 O seminário, livro 8: a transferência, 1960-1961 I Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; [versão brasileira de Dulce Duque Estrada; revisão de Romildo do Rêgo Barros]. -2.ed. -Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

⁵ Nome do site : <https://www.satedsp.org.br/>. Disponível em: [<https://www.satedsp.org.br/2016/08/19/texto-de-plinio-marcos-homenagem-ao-dia-do-ator/>]. Acesso em: Jul. 2024.

ENTRE O *VEL* E O *VÉU* DA ALIENAÇÃO

Anicia Ewerton

aniciaewerton58@gmail.com

Cartel: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise

Mais Um: Rosemarie Mooneyhan

“para avanzar a veces es necesario insistir sobre los mismos esquemas y las mismas escrituras. Podremos así apreciarlos desde otra perspectiva y evaluar si en relación con lo mismo uno avanza o no.” Jacques-Alain Miller¹

Meu produto para a II Jornada de Cartéis é resultado de nove meses de pesquisa, que faço em um pequeno grupo. Parti do que consta no texto “A psiquiatria inglesa e a guerra”², de Lacan, que ao fazer uma visita a Bion, observa que o psicanalista trabalha em pequenos grupos. A partir dessa observação Lacan cogita o próprio funcionamento da sua escola. Com isso, Lacan elabora que “seria formado um certo número de grupos, cada um dos quais se definiria por um objeto de ocupação”, esses pequenos grupos de trabalho ele o chamou de cartel. Seguindo Lacan, em setembro de 2023, meu cartel deu início e está inscrito no site da Escola Brasileira de Psicanálise com o nome: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Dessa forma, ao começarmos nesse objeto de ocupação, que tem como referência o Seminário XI³, de Lacan, cada cartelizante elabora sobre seu tema de pesquisa com seus pares.

No momento em que verifiquei a inscrição do cartel e o tema no site da EBP, que apresento nesta jornada, ao confirmar a inscrição, dei-me conta de que há uma pequena divergência entre a minha proposta de pesquisa e o registrado pelo Mais-Um, Rosemarie Mooneyhan, no mural dos cartéis. Essa pequena divergência é tomada como um bom ponto para tensionar minha investigação, pois apresentei aos colegas do cartel o seguinte tema: “O Vel da alienação – na clínica sob transferência”, enviado por WhatsApp, o que me impossibilitou de colocar o significante “Vel” em *itálico*. Por outro lado, o Mais-Um fez a inscrição do meu tema nestes termos: “O véu da alienação – na clínica sob transferência”. Com base nessa divergência de palavras, me pus a questionar: A etimologia das palavras *vel* e *véu* tem origem e significado idênticos?

1 MILLER, Jacques-Alain. **Los signos del goce**. Buenos Aires : Paidós, 1999.

2 LACAN, Jacques. **Outros Escritos**. A psiquiatria inglesa e a guerra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. de 1960. p. 114.

3 LACAN, Jacques. (1964). **Seminário**, livro 11: os quatros conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

O questionamento levou-me a uma pesquisa sobre a etimologia das palavras *vel* e “véu”. No que concerne a palavra “vel”, esta tem origem no Latim *bilis* e significa “passível de” e raramente também corresponde a “agente de”. Contudo, sua tradução do latim para o português significa “ou”. Já a etimologia da palavra “véu” tem sua origem no Latim *vēlum*, mas sua raiz é indo-européia, *wel*, e significa cobrir, assim como também traz em sua raiz *wegh*, que corresponde a “carregar um veículo”. Logo, etimologicamente são palavras que têm origem no Latim, todavia apresentam significados distintos. De acordo com Carlos Rocha⁴, Doutor em Linguística, o termo *vel* está “registrado como arcaísmo ou vocábulo já histórico”, no Grande Dicionário da Língua Portuguesa, de José Pedro Machado, mas não consta em dicionários da língua portuguesa corrente.

No texto “Posição do Inconsciente”⁵, em 1960, Lacan, ao formular a causação do sujeito, nos apresenta as operações: alienação e separação, afirma que a alienação é própria do sujeito e é a partir da alienação ao significante, que resulta a divisão do sujeito. Com isso, Lacan compreende que a estrutura lógica da alienação é da ordem de um *vel*, que produz uma originalidade e ressalta que é preciso derivá-lo da lógica matemática, ao existir uma reunião de conjuntos. Nessa reunião, o *vel* da alienação só se impõe como uma escolha, ilustrada por Lacan com o exemplo “a bolsa ou a vida”. Lacan ressalta que esta escolha é forçada e é acompanhada de uma perda. Já na operação denominada por Lacan de separação, o gozo é extraído, o *vel* retorna como *velle*, como um “querer”, um “desejar”. No Seminário 11, em 1964, Lacan ressalta “que a palavra *obsoleta* é ela própria uma palavra *obsoleta*, não é a mesma palavra *obsoleta* de um lado e do outro. Isto nos deve encorajar a precisar o *vel* ...”.

Sobre alienação e separação, Laurent⁶ acrescenta que o sujeito não se define apenas na cadeia significante, mas no nível das pulsões, com seu gozo em relação ao Outro. Ademais, Laurent ressalta que, em termos freudianos, a alienação encobre o objeto de gozo perdido e na perspectiva de encobrir o gozo perdido, o “véu” encontra seu uso. Atualmente, a pesquisa entre o *vel* e o véu da alienação continua.

4 ROCHA, Carlos. O Significado de Vel e de Ontologia. Disponível em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/o-significado-de-vel-e-de-ontologia/16779>. Último acesso em 25/6/2024.

5 LACAN, Jacques. **Escritos**. Posição do Inconsciente Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 855.

6 LAURENT, Éric. **Para ler o Seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Richard Feldstein, Bruce Fink, Maire Jaanus (orgs.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 199. p. 43.

Mesa 3: Os conceitos fundamentais da Psicanálise

OS CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA PSICANÁLISE E A FORMAÇÃO DO ANALISTA

Rosemarie Mooneyhan

rosemooneyhan@gmail.com

Cartel: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise

Mais-um: Rosemarie Mooneyhan

Ao receber o convite para ser Mais-Um deste cartel, aceitei de pronto, por estar interessada em estudar sobre a formação do analista e saber que, o Seminário livro 11, foi desenvolvido em um momento crucial, pois em 1964 Lacan havia se desligado da IPA, onde trabalhou desde 1953 até 1963. Embora Lacan fizesse parte do quadro de analistas didatas, ele se opunha ao estilo da IPA. O Seminário 11 é o resultado da recusa de Lacan em mudar sua prática e não poder exercer a análise didática na IPA. “É um seminário de alguém que está começando de novo. Há um corte entre seus dez seminários anteriores e este aqui.”¹

No Seminário 11, Lacan anuncia o seminário com o título “Os fundamentos da psicanálise” e parece um tributo a Freud, pois os quatro conceitos são retirados da obra deste, mas tenta ir além de Freud, sem prescindir dele. No primeiro capítulo, “A Excomunhão”, se pergunta: “em que estou eu autorizado?”

“Estou autorizado a falar aqui, desse tema, diante de vocês, pelo ouvir-dizer ter eu feito durante dez anos o que chamavam um seminário que se dirigia a psicanalistas. Como alguns sabem, eu me demiti dessa função- à qual havia verdadeiramente dedicado minha vida- em razão de acontecimentos sobrevividos do interior do que chamam uma sociedade psicanalítica e, nominalmente, justo aquela que me havia confiado essa função.”²

Lacan afirma que sempre esteve implicado com os fundamentos da psicanálise, por fazer parte da *práxis*, “pois era dirigido para algo que é elemento dessa *práxis*, isto é, a formação de psicanalistas.”³ Ele define a psicanálise como o tratamento dispensado por um psicanalista e se propõe a examiná-la, a partir de um outro lugar, pois havia sido ex-

1 Feldstein, R., Fink, B., Jaanus, M. “Para ler o Seminário 11 de Lacan”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, Campo Freudiano do Brasil, p.18.

2 Lacan, J. “O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.” Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, Campo Freudiano do Brasil, p. 9.

3 Ibidem, p.10.

comungado da IPA: “Está formulado que essa afiliação só será aceita se derem garantias de que, jamais, meu ensino possa, por essa sociedade, voltar à atividade para a formação de analistas.”⁴

Havia um enorme interesse de Lacan pela formação do analista, destacando a experiência da análise como central e afirmando que nunca falou em formação do analista, e sim, de formações do inconsciente, de maneira que o analista se faz a partir de sua análise pessoal. Sabemos do tripé acerca da formação: análise pessoal, estudo contínuo e supervisão desde Freud, este mesmo destaca a análise como fundamental:

(...) todo indivíduo que queira efetuar análise em outros deve primeiramente submeter-se ele próprio a uma análise com um especialista. (...) A pessoa não apenas realiza muito mais rapidamente e com menor gasto afetivo a intenção de tomar conhecimento do que traz oculto em si mesma, como adquire na própria carne, por assim dizer, impressões e convicções que procura em vão nos livros e nas conferências.⁵

Em 1964, Lacan funda a Escola Freudiana de Paris, uma Escola para psicanalistas, onde oferece a formação para os mesmos e afirma no “Ato de fundação:

(...) que, no campo aberto por Freud, restaure a sega cortante de sua verdade; que reconduza a práxis original que ele instituiu sob o nome de psicanálise ao dever que lhe compete em nosso mundo; que por uma crítica assídua, denuncie os desvios e concessões que amortecem seu progresso, degradando seu emprego.⁶

Na Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola, Lacan afirma que “o psicanalista só se autoriza de si mesmo.”⁷ Esta citação provocou muitas interpretações equivocadas, pois muitos entenderam que seria uma auto autorização, porém “autorizar-se de si mesmo” diz respeito à experiência da própria análise. Em Nota Italiana Lacan afirma: “Autorizar-se não é auto-ri(tuali)zar-se.” (..) “é do não-todo que depende o analista. Não-todo ser falante pode autorizar-se a produzir um analista. Prova disso é que a análise é necessária para tanto, mas não é suficiente.”⁸

No Seminário *Os não-tolos erram/Os nomes do pai*,⁹ Lacan acrescenta: “o psicanalista só se autoriza por si mesmo”, complementando “e por alguns outros”, ou seja, o analista estará com alguns outros e não sozinho nesse autorizar-se. Portanto não é qualquer

4 Lacan, J. “O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.” Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, Campo Freudiano do Brasil, p. 11.

5 Freud, S. “Obras Completas, Volume 10”. “Recomendações ao médico que pratica a psicanálise”. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.157.

6 Lacan, J. “Ato de fundação”. In Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p.235.

7 Lacan, J. “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”. In Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p.243.

8 Lacan, J. “Nota italiana”. In Outros escritos Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 312.

9 Lacan, J. “Lição de 9 de abril de 1974”. In Os não tolos erram/Os nomes do pai. Seminário entre 1973. Porto alegre: Fi, 2018.

um que pode autorizar-se a ocupar o lugar de analista, é preciso viver a experiência da própria análise e ser reconhecido e nomeado por outros, os pares, dentro de uma Escola. Lacan propõe o passe e o cartel, como dispositivos importantes e básicos da Escola, o cartel sendo contemporâneo da criação da Escola. O passe é um dispositivo para acolher o testemunho da passagem de analisante a analista, muito embora a posição de analisante seja contínua, pois ao fim de uma análise, a Escola vai ocupar o lugar do sujeito-suposto-saber, como suporte da transferência, que se transforma em transferência de trabalho. Portanto a formação do analista é contínua.

REPETIÇÃO, ANGÚSTIA E DESEJO

Thailla de Lima Franco

lillafranco@hotmail.com

Cartel: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise
Mais-Um: Rose Mooneyhan

Diante das minhas próprias repetições, de todos os impactos delas causados em mim e após várias sessões, cheia de angústias e desejos, resolvi me aventurar.

No final de 2022 (em meados de outubro), na cidade de Goiânia, onde moro, os alunos de licenciatura em Psicologia (UFG) abriram inscrições para um curso de formação chamado: Desafios atuais da educação: contribuições da psicologia para o desenvolvimento infantil. Ao passear pelo Instagram, um story sobre o curso apareceu e fiquei animada, pois senti que seria minha oportunidade para colocar um pé no quintal dos estudos de psicologia. Eu, Thailla de Lima Franco, Bióloga, com 40 anos iria começar algo novo. Lá, com muita vontade e pouco conhecimento teórico (meu), foram feitas discussões, observações e dinâmicas. Senti que esse terreno era seguro e acreditei que podia me arriscar mais.

Em uma das conversas com minha analista surgiu a ideia de tentar um cartel. Estava há meses pensando em estudar, já havia lido um texto (indicado pela analista) e estava em período de apaixonamento, onde o coração é fiscado e o cérebro só acompanha. Comecei a acompanhar as atividades da Seção Leste Oeste me sentindo perdida. Era 30 de março de 2023, entrei em contato com a mediadora do *whatsapp* de divulgação de cartéis que me apresentou o que era um cartel. Nesse momento, sumi. Era final de semestre na escola e sobrecarregada me rendi aos trabalhos e deixei a ideia quieta e sossegada, de lado. Mas ideias, principalmente as boas, não ficam quietinhas em seu canto. Ela me incomodou bastante, até que em junho, dois meses depois, voltei a conversar com a Rafaela, que me passou o contato da Cláudia Murta (diretora de cartéis da SLO). Nesse momento, esperei o próximo “Procura-se Cartel” e já saí dele dentro de um pequeno grupo, como Miller¹ relembra em seu texto “Novas Reflexões Sobre o Cartel”.

Após alguns dias de muita conversa, decisão e um Cartel quase morto antes mesmo de nascer, resolvi visitar outra sessão da EBP. Anteriormente havia recebido uma dica de minha analista sobre tentar a seção Nordeste. Visitei vários perfis no instagram, encontrei o perfil da EBP seção Bahia, vi que iria acontecer uma Noite de Cartéis e participei. Não tão perdida quanto antes e ansiosa para o “Procura-se Cartel”. Em outro perfil, agora da seção Nordeste, encontrei uma data próxima para o “Procura-se Cartel”. No final de julho, lá estava eu, dentro do *whatsapp* do Mural de Cartéis – EBP-NE, lendo as mensagens

¹ Miller, J.A. Novas reflexões sobre o cartel. In: Manual de cartéis. Belo Horizonte: EBP-MG, 2010, pp. 27-35

e acompanhando uma certa Anícia que queria muito iniciar um cartel sobre o Seminário 11. Entrei em contato com ela e sob a orientação de Liège Uchôa fomos seguindo os procedimentos de inscrição e, enfim, em setembro de 2023, iniciamos nosso grupo. Hoje somos 4 cartelisantes e nosso Mais-Um Rose Mooneyhan.

Outro pequeno grupo.

Tentando entender melhor sobre esses pequenos grupos, sobre os cartéis, me deparei com esse texto de Nohemí Brow², que diz:

O cartel é um instrumento de leitura, um instrumento vivo... É onde se aprende a ler. Na análise, aprende-se a ler nosso inconsciente e não é fácil. Em um cartel, aprende-se a ler outras coisas que são fundamentais saber ler para a formação. Então, o cartel é um instrumento muito afinado de leitura.

Nesse trabalho há algo vivo, trata-se de vivificar a letra de Freud, Lacan e outros. Há um prazer em aprender psicanálise; se não é letra morta.

Acrescento que além de leitura, ocorrem trocas, conexões e ainda muitas, muitas dúvidas.

Hoje estou em dois cartéis. Um, em que trabalhamos o seminário 4 (As relações de objeto) e, este em que trabalhamos o seminário 11 (Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise). Me chamam corajosa, me acho curiosa, ou talvez, e mais necessariamente, desejosa. Porque o que me trouxe até aqui foi esse desejo de tentar não repetir o que já conheço e que em vários momentos me prejudica, criando trilhas por onde meus pés possam percorrer.

A trilha até aqui, tem muito mato alto. Tenho lido textos que não conhecia, como o capítulo 7 da “A interpretação dos sonhos” e a coletânea chamada “Para ler o seminário 11 de Lacan”³. Lendo com calma, estudando e pesquisando para ver se até o fim dos dois anos, consiga um produto que colabore um pouco com o entendimento da repetição e seus impactos para o falasser (tema que me atravessa e me faz permanecer nos cartéis).

2 Brown, Nohemí. Cartel, que laço é esse? ARTEIRA: Revista de Psicanálise. Florianópolis: EBP-SC.2020. Disponível em: cartel (revistaarteira.com.br). Acesso em: 08 jul. 2024

3 Richard Feldstein, Bruce Fink e Maire Jaanus (Orgs.). Para Ler o Seminário 11 de Lacan: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

O INCONSCIENTE E A REPETIÇÃO À LUZ DE FREUD E LACAN

Neide Medeiros Colebiovski

neidmedgol@gmail.com

Cartel: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise
Mais-Um: Rosemarie Fernandes Mooneyhan

O presente trabalho busca investigar e construir breves fragmentos de transformações e articulações possíveis de dois dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise na clínica psicanalítica, à luz de Freud e Lacan: Inconsciente e Repetição.

O estudo desse cartel está centrado no seminário de livro número 11. Por essa ocasião, segundo Lacan, “o inconsciente é estruturado como linguagem”.

A psicanálise muda, essas mudanças podem ser observadas na clínica psicanalítica, espaço de construção e ressonância dos conceitos através do discurso do analisante e da escuta do psicanalista.

O “Inconsciente de Freud” origina-se da sua primeira tópica do aparelho psíquico, publicada em 1900 na obra “A Interpretação dos Sonhos” (Traumdeutung). Para Freud, no final do século XIX, o que os pacientes haviam esquecido estava armazenado no inconsciente, concebido como um reservatório de sentimentos, pensamentos, impulsos e memórias fora da percepção consciente. Freud afirmava que algo inconsciente só poderia ser conhecido após sua transformação ou tradução para o consciente e que “a cada dia o trabalho psicanalítico nos mostra que esse tipo de tradução é possível”.¹

Lacan, por sua vez, difere de Freud ao não conceber o inconsciente como algo das “profundezas”, mas sim da superfície, se é que “isso” pode ser nomeado dessa forma.

A linguagem se manifesta na exterioridade, e o inconsciente estaria “aí”, no mesmo lugar da cadeia de significantes. É possível afirmar que, segundo Lacan, o inconsciente faz parte do discurso concreto, representando aquilo que falta ao sujeito para restabelecer sua continuidade discursiva.

1 FREUD, Sigmund. A História do Movimento Psicanalítico. Artigos sobre a Metapsicologia e Outros Trabalhos: O Inconsciente. Obras Psicológicas Completas. Ed. Standard Brasileira. Vol. XIV. p. 171. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1915).

Em “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”², Lacan ressalta o uso da linguística de Saussure, que enfatiza a correspondência biunívoca entre significante e significado na construção do signo. Lacan inverte a posição do significante, colocando-o no lugar do significado, na parte superior da barra, atribuindo-lhe maior valor. O inconsciente promove o deslizamento do significado sob o significante na construção do discurso, do desejo e do sujeito.

Nessa época, Lacan informa que a função do inconsciente é pensada como descontinuidade, falha no campo do discurso e o que aparece nessa falha não se mantém, se perde. “Assim, o inconsciente se manifesta sempre como o que vacila num corte do sujeito”³.

Concernente à repetição, Freud faz uma relação com transferência e resistência. Para ele, a transferência é a repetição do passado esquecido, que se atualiza no médico e em todos os âmbitos da situação presente do paciente. Quanto maior a resistência, maior a repetição, que ocorre como ato na clínica psicanalítica.

A repetição aparece encoberta no “princípio do prazer” e no “mais além do princípio do prazer”. No primeiro, ocorre para atenuar a tensão oriunda do desprazer, no segundo, como uma forma do aparelho psíquico lidar com a pulsão por antecipação, para evitar sofrimento.

A repetição, à luz de Lacan, está relacionada ao real. Para ele, a repetição é uma forma inconsciente de lidar com o trauma. Ora, há repetição no trauma. O primeiro tempo do trauma pode ser entendido como o encontro traumático impossível de simbolizar, o encontro contingencial com o real. Na sequência, o analisante repete na busca de reviver e dominar a experiência traumática.

A compulsão a Repetição aparece no discurso do analisante podendo ocasionar desafios a escuta do psicanalista na clínica psicanalítica .

É possível refletir se os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise constituem, por si só, a própria clínica psicanalítica. Além disso, se o lugar da clínica psicanalítica não se restringe ao espaço físico do consultório, mas se estende a qualquer lugar onde a demanda do analisante evoca uma escuta psicanalítica - sustentada pela análise pessoal do psicanalista, da sua supervisão e dos seus estudos continuados - desejosa de acolher essa demanda.

2 LACAN, Jacques. (1901-1981). Escritos. A instância da letra. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 496-533.

3 LACAN, Jacques. (1964) O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 32.

Mesa 4: A Escola e a escrita do real

OS JOVENS E O SABER: UMA PORTA

Nelson Matheus Silva

psicanalise@nelsonmatheus.com

Cartel: Nova Política da Juventude - O ensino da Psicanálise e a formação do analista.
Mais-Um: Sérgio Laia



A NPJ oferta que façamos uma demanda; na possibilidade do bater à porta, a obtenção de um signo de amor. Na demanda de amor o que se vela é o seu objeto, o saber enquanto *suposição*. Lacan diz que “*aquele a quem eu suponho o saber, o amo*”. Sócrates já havia nos ensinado que o objeto agalmatizado é o saber. E se esse objeto pôde ser deslocado dele para Agatão é justo porque era o próprio Alcibíades a agalma, era nele que estava o saber, um saber não sabido, um saber furado.

A primazia da experiência do saber sobre a teoria é a marca do ensino de Lacan, e como tal é o que está no centro de sua Escola. A relação entre o *saber suposto* com o *saber exposto*, ao mesmo tempo que interroga sobre a formação do analista, estabelece uma relação de gangorra entre o Múltiplo e o Um, entre o que desagrega e o que agrega².

Não há nenhum *le dimanche de la vie*³, como me fez concluir Queneau. A potência da psicanálise está exatamente em poder sustentar que há um furo no saber. *Expor um saber* é dizer de uma verdade que põe em ato o lugar do sujeito no discurso. Quando se fala, o que se põe de manifesto é o S(A/). Como para cada um se fez existir a dimensão do furo coloca a possibilidade de dizê-lo a partir de um efeito daquilo que se pode considerar *como um efeito de formação*.

É desse modo que a Escola passa a ser um lugar de insegurança: ela impossibilita o estabelecimento de uma enunciação *para todos*. É um paradoxo, uma vez que é nela que a *dessuposição de saber* encontra um refúgio para o mal-estar na cultura. Por essa razão, não há como conceber a Escola a não ser como um conjunto aberto: *uma proliferação de furos*⁴.

Em 1971, Lacan dirá que a admissão na Escola terá como condição que se haja introduzido no discurso analítico, que se “*saiba que eles iniciaram essa empreitada, onde*

1 Lacan, J. (1972-73) “O seminário, livro 20: mais, ainda”. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p.91.

2 Antelo, M. APUD Dias Batista, M. C. “A EBP e a Mutualidade”. In: Correio, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, N. 28. São Paulo: EBP, 2000, p. 2.

3 Silva, N. M. “Le Dimanche de La Vie, Mon Cul”. In: Agente - revista de psicanálise. Salvador: Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Bahia, n. 20, set 2023.

4 Brodsky, G. “Pasión lúcida”. In: Pasiones lacanianas. Olivos : Grama Ediciones, 2020, p. 55.

e quando”⁵. Em 1974, voltará a dizê-lo, desta vez aos italianos, que seria preciso verificar que alguém tenha se analisado para ser admitido na Escola. É o sintoma que está dado de entrada, *Um por Um*, sem exceção.

As admissões, entretanto, deixaram de lado os *jovens*⁶. E não haveria de ser diferente. O *currículum* passou a exigir um percurso “*impossível de se cumprir antes dos 50 anos de idade*”⁷. Esta observação feita por Miller não visaria mostrar como a Escola tomou uma direção tal que fez do jovem alguém que deveria formar-se sem contar com ela como um lugar para conduzir-se e de nela obter alguma garantia?

Alberti⁸ interpreta a juventude, sensível ao discurso contemporâneo, ao situar a importância dos jovens na Escola como uma *necessidade de discurso*, uma necessidade de que exista a psicanálise. “*A Nova Política da Juventude tem como objetivo recuperar o tempo perdido*”⁹.

A conjugação da enunciação com o trabalho de Escola, coloca um acento no amor e no seu objeto privilegiado, o saber. Uma vez desvelado, o saber mostra-se *em fracasso*¹⁰, não há como não o sê-lo; condição indispensável que permite que um candidato se forme naquilo que faria tal saber advir, isto é, a ignorância, uma “*paixão que deve dar sentido a toda a formação analítica*”¹¹. A paixão pela ignorância, discernida do obstáculo interno que ela pode representar para uma análise, coloca alguém frente ao desejo de saber. *Querer saber*, ali onde antes havia um *não querer saber*, marca um giro no discurso e aponta para o que pode vir a ser o emergir de um desejo como causa, a invenção de um *amor inédito*.

O tema da abertura da Escola ao novo nos convida a olhar como o deus Jano, para dentro e para fora, para o passado e para o futuro. É preciso, ademais, “*saber acrescentar à porta do cartel — regida pelo todo e o Mais-Um —, uma outra porta ao não-todo, verdadeira entrada Um×Um*”¹². São os signos de amor, porém, o que já apontam de entrada para essa transformação no discurso como também para as respostas que podem advir diante da oferta de que se demande, e são eles que possibilitam fazer da Escola um laço. Uma vez que a porta se faz aberta e o porteiro convidativo, minha pergunta passa a ser sobre como fazer desejar: como fazer a Escola desejável aos jovens mais além de seu *desencanto*?

5 Lacan, J. (1971) “Ato de Fundação”. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 240.

6 Miller, J-A. “Entrevista a Jacques-Alain Miller por El Caldero de la Escuela”. In: El Caldero de la Escuela, N. 32, Buenos Aires: Grama, p. 3-4.

7 Miller, J-A. “Reinventar la Escuela?: preguntas porteñas”. Olivos: Grama, 2024, p. 22.

8 Alberti, C. “Placa Sensible”. In Mondô, 3a Edição. Último acesso em 10 de Maio de 2024. Link: <https://mondodispatch.com/es/2023/12/11/placa-sensible/>

9 Miller, J-A. “Reinventar la Escuela?: preguntas porteñas”. Olivos: Grama, 2024, p. 23.

10 Lacan, J. “Lituraterra”. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 17 e 18.

11 Lacan, J. (1955) “Variantes do tratamento-padrão”. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 360.

12 Antelo, M. “De Entrada: A Porta e Um Japonês”. Inédito.

CARTEL E O REAL DA ESCOLA

Cláudia Formiga

cmformiga@gmail.com
Cartel A formação do analista
Mais-um: Andréa Reis

“A Escola é também uma espécie de encontro com o real”

(Miquel Bassols)¹

A pergunta pelo real em torno do qual nos reunimos em transferência à Escola foi o tema de trabalho que se destacou pra mim como questão, no contexto de uma experiência de cartel.

Nessa experiência, estiveram comigo as colegas Tatiana Schefer, Juliana Ribeiro e Eloá Cerqueira. Como Mais-Um, a colega Andréa Reis, membro AMP/EBP-Seção Rio.

A formação desse cartel coincide com o momento de ruptura com o trabalho desenvolvido junto à Delegação RN, ao qual, em transferência à orientação lacaniana, estive ligada durante um longo período de minha formação.

Tentar articular com base no discurso analítico as questões que nos convocavam, a partir daquela descontinuidade e mesmo dos ruídos gerados por aquele evento, foi o que dirigiu a nossa aposta no cartel como o espaço da Escola mais adequado para construir uma *saída institucional*, desviando certo aluvião imaginário.

O que uma experiência de grupo ensina sobre os processos de segregação e os fenômenos de massa que hoje ganham a cena do mundo? Essa questão orientou o nosso caminho de leituras que nos permitiu apreender a Escola *como experiência*, sempre em *vias de se constituir* em torno de um vazio; e a formação do analista, considerando o real aí implicado.

Em “Psicologia das massas e análise do eu”², Freud afirma que do ponto de vista da psicanálise é possível captar a lógica dos grupos e das formações coletivas. As estruturas coletivas, constituídas no plano da relação dos sujeitos com o ideal, nos permite pensar fenômenos como a segregação, a expulsão do que é indesejável ao grupo, o ódio ao outro e a separação entre “nós” e “eles” como manifestações de um gozo opaco ao próprio

1 BASSOLS, M. - “A Escola e o Real”. In: Opção Lacaniana. Editora Eólia. São Paulo. no. 67. Dezembro, 2013.

2 FREUD, S. - “Psicologia das massas e análise do Eu” (1921) In: Obras Incompletas de Sigmund Freud. Cultura, Sociedade Religião. O mal-estar na cultura e outros escritos. Org. Gilson Iannini e Pedro Heliodoro Tavares. Trad. Maria Rita Salzano Tavares. Belo Horizonte. Editora Autêntica. 2020. p. 137-232.

sujeito. Freud localiza na estrutura das massas uma tendência de retorno à horda primitiva, fenômeno cuja lógica favorece a instalação do discurso do mestre e seus efeitos mais nefastos: o mutualismo e o *esprit de corps*, operantes nas associações corporativas.

Quando funda a sua Escola, Lacan destaca a solidão subjetiva e, dessa forma, a interpreta, separando como um sujeito, dos significantes mestres que o coletivizam, designando um real que toca essa experiência. Esse é o sentido do *“fundo, tão sozinho como sempre estive, em minha relação à causa analítica”*³. A Escola não é um organismo pronto. A sua fundação efetiva, é uma *experiência* que se faz um a um. E isso permanentemente, no movimento mesmo de se interrogar, cada um em seu desejo com a causa analítica. Essa é a ideia trabalhada por Miller em “Teoria de Turim”, quando aborda o organismo Escola como um sujeito interpretável analiticamente, sustentando que a sua fundação efetiva *“entra no processo de formação, cujo conceito mesmo comporta que se desenvolva a céu aberto, porque deve ser subjetivado por uma comunidade que se constitui no próprio movimento dessa subjetivação.”* Uma Escola, diz ele, *“necessita de estatutos legais, sem dúvida, mas sobretudo de interpretações dela mesma, como sujeito”*⁴.

Em nosso caso, acredito que o cartel funcionou não só como abrigo ao que *não cessa de não se escrever*, mas também como *estratégia*, apoiada na transferência, para manter viva a pergunta sobre o que é um analista.

Uma primeira ideia que recolho desse trabalho: o cartel, assim como o analista, é multiuso. O ponto de partida desse cartel foi o apelo a um dispositivo de Escola como espaço onde tratar o real de uma dissolução. Hoje, a certa distancia dessa experiência, podemos dizer que a “urgência subjetiva” que nos forneceu a motivação para o cartel, nós a articulamos a uma questão de Escola: como/onde dar contorno a uma situação que articulava questões de grupo, o vivido em uma experiência de dissolução e o real da Escola?

Por uma torção, entendo que a estrutura do cartel funcionou como escansão, recurso simbólico que nos possibilitou desenhar uma borda àquela experiência de transbordamento e que, para além de uma elaboração à questão formulada por cada uma, esse encontro contingente propiciou também um tratamento ao real, de forma não-segregativa, pela via de um trabalho de Escola.

Nessa mesma direção, no texto de Romildo Barros⁵ encontro uma referência ao cartel como refugio, assinalando que, na Escola, *o cartel é o lugar para isso que sobra*. Diz ele: *dado que toda operação significativa, por regra, impõe uma exclusão, o cartel, como órgão de base da Escola tem como função (...) evitar que esse refugio vá na direção do pior*⁶.

3 LACAN, J. “Ato de fundação” In: Outros escritos. Trad. Vera Avelar Ribeiro. Campo Freudiano no Brasil. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2003. p. 235.

4 MILLER, J-A. “Teoria de Turim sobre a Escola-sujeito”. Opção Lacaniana on line. No 21. Ano VII. Novembro, 2016. p. 08.

5 REGO BARROS, R. “Encerramento da Jornada de Cartéis 2023”. In: Arquivos de Biblioteca. Revista da EBP Rio. No. 18. Março, 2024.

6 REGO BARROS, R. Op. cit. p. 294.

OS ABONADOS DO INCONSCIENTE E SEUS GRAMPOS

José Augusto Rocha

rocha.augusto.j@gmail.com
Cartel: O que há de novo no contemporâneo?
Mais-Um: José Augusto Rocha

Duas frases

Para começar, gostaria de contar uma breve história anedótica. Certa vez, James Joyce e Ezra Pound encontraram-se. “Tenho trabalhado duro em “Ulisses”, disse James Joyce. ‘Escrevendo muito?’, perguntou Ezra Pound. ‘Duas frases’, disse Joyce. Pound, então, percebeu que Joyce não estava gracejando. ‘À procura do *mot juste*?’

‘Não’, respondeu Joyce. ‘Já sei as palavras. O que procuro é a ordem certa delas na frase’.

A ordem certa das palavras parece corresponder a tudo aquilo, em alguma medida, que a escrita joyceana, sobretudo a partir de seus trabalhos mais marcantes, não é. Afinal, esse Joyce que constrói a si mesmo¹, fabrica uma língua, muito mais que uma linguagem, para se constituir, ou, mais precisamente, uma língua para gozar do que para comunicar. A ordem certa, aliás, pode ser descrita como um encadeamento significativo enquanto a escrita joyceana, em si mesma, é língua de gozo. Joyce é um caso paradigmático para pensarmos não apenas a relação entre psicanálise e literatura, mas o próprio campo da clínica. Foi Jacques Alain-Miller quem apontou uma prática pós-joyceana² como direção à psicanálise. Uma prática em direção ao *sinthoma*, que “não recorre ao sentido para resolver o enigma do gozo”³

Gostaria, assim, de iniciar essa pequena comunicação lembrando que é a respeito de Joyce que Lacan formula o termo *desabonado do inconsciente*. E que se há os desabonados do inconsciente, há os abonados. Gostaria, então, de partir deste ponto. Os abonados do inconsciente e seus grampings.

1 GARCIA, G. **Joyce, construindo Joyce**. Revista Brasileira de Psicanálise, 2007.

2 MILLER, Jacques-Alain. **Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 87.

3 *Ibid.*

Os abonados do inconsciente e seus grampos

Durante uma supervisão, guardei uma observação do supervisor “este sujeito não tem uma boa relação com o inconsciente”. Uma boa relação com o inconsciente não significa estar em dia com ele, nunca se está, como lembrou Miller; aponta, então, para uma relação entre o inconsciente e o sintoma. O que estava em jogo naquele caso. E que me levou, neste caso, a essa questão no Cartel: *o que faz com que o sujeito se grampeie ao seu inconsciente?* A princípio, “o inconsciente e o sintoma não pertencem a mesma ordem”⁴. Ou seja, eles podem manter uma relação, assim como também podem não manter. Se a relação é possível, é porque ela é grampeada, tal como duas folhas de papel, não porque o inconsciente e o sintoma sejam necessariamente a mesma coisa. O grampo é *alguma coisa*, portanto, *alguma coisa*, acrescente-se, com valor. Podemos destacar, como o faz Miller, o que assume essa função de grampo: o próprio falo, o Nome do Pai, etc.

A Idade de Ouro da psicanálise, como descreve Miller, implicava na relação entre o sintoma e a verdade, pois “o sintoma se oferecia ao deciframento”⁵, sem maiores dificuldades. A tal Idade de Ouro corresponderia à abertura, a esse momento inicial da Psicanálise.

Lembremos, por exemplo, como Lacan localiza o falo como significante, cuja função reside em “designar os efeitos do significado”⁶. É isto, aliás, que permite que se instale a “paixão do significante”⁷. Contudo, ocorre que, em determinados casos, a significação fálica não esteja instalada, muito provavelmente por haver uma invasão do imaginário⁸. Nestes casos, talvez seja preciso um empurrãozinho do analista. Algo que possa abrir, aos abonados, a experiência com o inconsciente, a esse *inconsciente estruturado como linguagem*.

O dado inicial, para Miller, contudo, não corresponde ao inconsciente, mas ao *sinthoma*, e duas considerações se fazem necessárias. Primeiro que o *sinthoma* “não é uma formação do inconsciente”, somando-se a esta uma outra — o *sinthoma* “designa precisamente o que o sintoma tem de rebelde ao inconsciente”. Não há deciframento, descoberta, revelação. Implicando “uma nova leitura do sintoma e um saber-fazer com a opacidade do gozo e com o real da pulsão, e nessa leitura podemos constatar que a interpretação analítica, tão enraizada na própria clínica, sofre uma mudança radical, passando a decifração do sentido para a leitura da letra de gozo”⁹. Portanto, uma psicanálise pós-joyceana “é uma prática mais centrada no sinthome que no inconsciente”¹⁰. Ou seja, os abonados do inconsciente são levados “ao incurável, ou seja, ao sinthome, que estava lá desde o princípio”¹¹. Cada um é levado “às invenções possíveis que cada singularidade vai tecendo, vai construindo em uma análise”¹².

4 MILLER, Jacques-Alain. **Los signos del goce**. Buenos Aires: Paidós, 1998. p. 366.

5 MILLER, J. A., **Percursos de Lacan: uma introdução**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988, p. 78.

6 LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 667.

7 *Ibid.* p. 695.

8 Cf. MALEVAL, J-C. *Lógica del delirio*. Barcelona: Ediciones del sebal, 1998.

9 GONÇALVES, N. Como ler um sintoma. In.: **O campo uniano: o último ensino de Lacan e suas consequências**. Goiânia: Editora Ares, 2022, p. 102.

10 TUDANCA, L. Abonados e desabonados. **XI ENAPOL**. Textos de orientação, 2023, p. 6.

11 *Ibid.*

12 *Ibid.*

E os desabonados?

Quanto aos desabonados do inconsciente, por onde abri este trabalho, será necessário a continuidade do trabalho do Cartel. De todo modo, pode-se dar uma palavrinha ou duas antes de finalizar: desabonados do inconsciente não significa desabonados do *sinthoma*, com th. Fiquemos com este ponto.

PROGRAMA

PROGRAMA

Manhã

9:00 às 9:30 - Recepção dos participantes

9h30m-10h - Abertura

Convidada:

Marilsa Basso (EBP/AMP-Diretora de cartéis e intercâmbio da EBP)

Coord: Liège Uchôa (Diretora de Cartéis e Intercâmbio da Seção NE)

10:00 -10:40

Mesa 1: Psicanálise e Autismos

Coord: Anamaria Vasconcelos

Cartelizantes: Jeannine Narciso- A presença do Outro no mundo do autista

Maria Verônica- Qual o uso do corpo do analista no manejo da transferência com autistas?

Regina Cheli- A constituição do falasser autista: um esforço de mostração

10:40 -11:20

Mesa 2: A infância, o pai, os novos sintomas

Coord: Sandra Conrado

Cartelizantes: José Ronaldo de Paulo- Quanto menos tempo o tempo menos tem? Infâncias

Antônio Júlio Garcia -A quem serve o pai?

Raisa Trajano -O gozo e os novos sintomas: o caso clínico de Demítia

11:20 – 11:30 - Intervalo

11:30 – 12:10

Mesa 3: Psicanálise na Instituição

Coord: Vania Ferreira

Cartelizantes: Karynna Nóbrega - Entre a agulha e a linha a tessitura de um lugar para o falasser na instituição

Samuel Nantes- Existe psicanálise na instituição?

Pauleska- Nóbrega Com que escrita se escreve um testemunho?

12:10 – 12:50

Mesa 4: Psicose ordinária, arte e clínica na atualidade

Coord: Késia Ramos

Carlange de Castro- O olhar na arte fotográfica

Sarah Ruth- Reflexões sobre a psicose ordinária: da clínica

descontinuista à clínica dos nós

Liège Uchôa - A psicose ordinária: seu estudo em um cartel

12:50 - 14:30 - Almoço

Tarde

14:30 15:00

Convidada:

Cassandra Dias (EBP/AMP-Diretora Geral da Seção NE)

Coord: Érick Leonardo

15:00 - 15:40

Mesa 1: Psicanálise, amor e direção do tratamento

Coord: Eliane Dias Batista

Cartelizantes: Marina Luna- Uma questão para Levi: existe amor em São Paulo?
 Socorro Soares -O feminino infamiliar e os destinos do amor
 Marina Fragoso- Histeria Masculina? Considerações sobre a direção do tratamento

15:40 - 16:20

Mesa 2: Alienação e separação: A transferência

Coord: Lídia Pessoa

Cartelizantes: Deise Mélo- O significante da transferência é um ponto de
 partida para a construção do sintoma analítico?
 Tatianne Torres-Mais que dois um: transferência e interpretação no Banquete
 Anícia Ewerton- Entre o vel e o véu da alienação

16:30 - 17:10

Mesa 3: Os conceitos fundamentais da Psicanálise

Coord: Karynna Nóbrega

Cartelizantes: Rosemarie Mooneyhan - Os conceitos fundamentais da psicanálise e a formação do analista
 Thaila Franco - Repetição, angústia e desejo
 Neide Medeiros - O inconsciente e a repetição à luz de Freud e Lacan

17:10 - 17:50

Mesa 4: A Escola e a escrita do real

Coord: Cleide Monteiro

Cartelizantes: Nelson Matheus - Os jovens e o saber: uma porta
 Cláudia Formiga - Real, Grupo e Escola
 José Augusto Rocha - Os abonados do inconsciente e seus grampos

18:00

Encerramento:

Liège Uchôa

COMISSÕES

COMISSÕES

Comissão de Infra-estrutura

Coordenação: Erick Leonardo e Januário Marques

José Ronaldo

Marina Cursino

Virgínia Fernandes

Comissão de Divulgação e Mídias

Coordenação: Ísis Maurício

José Augusto

Marina Fragoso

Pauleska Nóbrega

Raíssa Nóbrega

Comissão Científica

Coordenação: Eliane Batista e Karynna Nóbrega

Anamaria Vasconcelos

Cynthia Medeiros

Késia Ramos

Vania Ferreira